



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2020

Ruolin Zhang

As influências do inglês na aprendizagem do português por estudantes chineses



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2020

Ruolin Zhang

As influências do inglês na aprendizagem do português por estudantes chineses

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda , realizada sob a orientação científica do Doutor Fernando Jorge dos Santos Martinho, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Prof. Doutor Abdelilah Suisse (arguente)
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Fernando Jorge dos Santos Martinho (orientador)
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Durante os meus dois anos dedicados ao mestrado e a dissertação, muitas pessoas deram-me uma ajuda altruísta, incluindo os professores, os meus familiares e as minhas amigas. Só com a ajuda deles, consegui completar os meus estudos com sucesso.

Agradeço ao meu orientador Doutor Fernando Martinho, por toda a disponibilidade, empenho e paciência que teve para me orientar e para me compreender. Agradeço-lhe também pelo tempo precioso que dedicou ao meu trabalho e pelos conselhos que me deu para o melhorar.

Às minhas amigas Flávia, Filomena e Joana, pelo companheirismo e pelos momentos que passámos juntas nesta jornada.

À minha família, pelo amor, por estar sempre presente e pelos sacrifícios que fez para eu poder realizar este sonho.

Todos vocês fizeram o que sou hoje..

Palavras-chave

linguística aplicada, análise contrastiva, contacto linguístico, interferência linguística, interlíngua, português e inglês línguas estrangeiras, bilinguismo, multilinguismo

resumo

O objetivo do presente trabalho é identificar as relações entre a aprendizagem do inglês e a aprendizagem do português por estudantes universitários chineses. A situação em que os mesmos estudam estas duas línguas no mesmo período é, de facto, bastante comum e clarificar as relações e as influências que a aprendizagem do inglês tem na aprendizagem do português ajuda os estudantes chineses a estudarem mais eficientemente o português e diminuir as confusões possíveis.

Partindo dos conceitos clássicos da linguística aplicada, apresenta-se as teorias e metodologia envolvidos no presente trabalho. Depois da introdução e do enquadramento teórico, procede-se à apresentação de um questionário concebido e desenhado especialmente para o tema. Segundo os dados recolhidos pelo questionário, as dificuldades e confusões que os estudantes chineses de português têm na aprendizagem do português e do inglês ficam claramente identificadas. Através da análise dos dados, resume-se os problemas que os estudantes chineses enfrentam quando tratam das relações entre a aprendizagem do inglês e a aprendizagem de português, e são também identificadas as influências positivas do inglês que podem facilitar a aprendizagem do português. Complementando estes dados com as teorias linguísticas de referência, sugere-se, por fim, estratégias para resolver este tipo de interferência e melhorar a eficiência na aquisição da língua portuguesa.

keywords

applied linguistics, contrastive analysis, linguistic contact, linguistic interference, interlingua, Portuguese and English foreign languages, bilingualism, multilingualism

abstract

The aim of the present work is to identify the relationship between the learning of English and the learning of Portuguese by Chinese university students. Because the situation in which they study both languages in the same period is very common and clarifying the relationships and influences that learning English has on learning Portuguese helps Chinese students to study Portuguese more efficiently and reduce possible confusion.

We start from the classic concepts of applied linguistics, presenting the theories and methodology involved in this work. After the introduction of the theoretical framework, a presentation of the questionnaire designed especially for the theme is made. According to the data collected by the questionnaire, the confusions that Chinese Portuguese students and the senses they have in learning Portuguese and English are clearly shown. Through analyzing the data, the problems that Chinese students have when dealing with the relationship between English learning and Portuguese learning are summarized, as well as the positive influences of English that can be used in learning Portuguese. Combining with linguistic theories, ways are designed to solve problems and increase the efficiency of learning the Portuguese language.

This study is based on considerations of applied linguistics, especially the teaching and acquisition of Portuguese. In this sense, one can take advantage of the contrastive analysis between the two languages to promote and inherit Portuguese.

Índice

Introdução	1
Capítulo I. Dos conceitos à realidade.....	5
1.1 Os conceitos e as palavras-chave deste trabalho.....	5
1.2 O estado do ensino de português na China e da aprendizagem de português pelos alunos chineses	13
Capítulo II. Contacto com os dados reais.....	16
2.1 Desenho de questionário	16
2.2 Recolha e sumário dos dados	26
2.2.1. Análise sociolinguística dos inquiridos.....	27
2.2.2. Análise linguística dos dados recolhidos	32
2.3 Investigação interativa	55
Capítulo III. Resoluções possíveis	58
3.1 Resoluções para o ensino universitário e a didática das línguas	58
3.2 Sugestões para os estudantes chineses	65
Capítulo IV. Conclusão	67
4.1 Conclusões gerais.....	67
4.2 Limitações	68
4.3 Recomendações.....	69
Referências bibliográficas:.....	70
Anexos.....	72

Histogramas dos dados do questionário

(1).....	27
(2).....	29
(3).....	30
(4).....	31
(5).....	32
(6).....	34
(7).....	36
(8).....	38
(9).....	44
(10).....	43

(11).....	45
(12).....	47
(13).....	49
(14).....	50
(15).....	54

Introdução

Na sociedade moderna, sob a tendência da globalização, para a maioria das crianças ou estudantes, aprender uma língua muitas vezes significa aprender várias línguas ao mesmo tempo. Durante a escolaridade, das crianças do jardim infantil aos alunos universitários, estuda-se pelo menos duas línguas, a materna e uma segunda língua. Na base desta necessidade prática, os temas de linguística aplicada tornam-se cada vez mais populares e discutidos na investigação linguística, e entre eles, o ensino e a aquisição de uma língua estrangeira desenvolveu-se muito rapidamente e aplica-se mais amplamente. O presente trabalho situa-se na área da linguística aplicada ao português e concentra-se no ensino e aquisição do português, especialmente nas confusões causadas por um antecedente comum aos estudantes chineses, que é a aprendizagem e o conhecimento do inglês. Por isso, o presente trabalho conduzirá uma investigação aprofundada sobre esse assunto e tentará fornecer algumas propostas de resoluções científicas.

Tratando-se de uma língua estrangeira, para os alunos que provêm de países em que o inglês não é a língua materna, quase todos aprendem o inglês como língua segunda. Por exemplo, para os alunos portugueses, muitas vezes as duas línguas são o português e o inglês; e para os alunos chineses, as duas línguas obrigatórias são o chinês e o inglês. Mesmo que haja alguns alunos que estudam mais línguas, como o japonês ou o russo, aprender o inglês é obrigatório para os alunos chineses num período específico. Por isso, para os que escolhem estudar mais uma língua estrangeira, como o português (L3), na universidade como na vida profissional, todos têm em comum saber falar inglês (L2). Embora alguns alunos possam estudar o inglês por um tempo mais longo e outros mais curto, têm esse contexto comum.

No meu caso, durante o meu percurso de estudante de português por 6 anos, tenho notado que quase todos os alunos chineses sentem alguma confusão em gerir a coabitação entre o inglês como primeira língua estrangeira e o português como segunda língua estrangeira. Por isso, identificar a relação entre a aprendizagem do inglês e a do

português por parte dos alunos chineses de português e, nesta base, procurar o método correto para descrever essa relação, são objetivos que vão contribuir para resolver problemas reais na aprendizagem do português e, em última instância, ajudar os alunos a aprender mais eficazmente a língua portuguesa.

Contudo, até agora, a maioria dos estudos na área de ensino e aquisição do português, especialmente por estudantes chineses, concentram-se na questão de saber como é que os alunos chineses estão a usar o português, por exemplo, como se usam os artigos, como se usam as preposições e quais são os seus problemas ou os seus hábitos quando os estudantes chineses usam o português para comunicar, com temas como *Estudo sobre Erros Léxico-Semânticos no Processo de Aprendizagem da Língua Portuguesa por Aprendentes de Língua Materna Chinesa* e *Estudo da variação no uso do artigo em português L2 por falantes de língua materna chinesa*¹ ilustram esse tipo de análise.

Na realidade, no campo específico de ensino de português para estudantes chineses, ainda não há muita investigação que dá atenção às influências eventuais que o conhecimento de uma outra língua tem sobre a aprendizagem de português. É um aspeto mais original, mas que vale a pena explorar, porque, como vamos ver, o inglês não só tem influência positiva na aprendizagem do português, como também causa alguma confusão, o que representa certamente uma dificuldade acrescida para os estudantes chineses de português. Em suma, se for resolvida adequadamente tal confusão, a eficiência no estudo do português por estudantes chineses vai ser obviamente melhorada.

Este trabalho utilizará, por um lado, questionários e respetiva análise de dados, e, por outro, entrevistas e métodos associados, de forma a investigar a situação atual da aprendizagem do inglês e da aprendizagem subsequente do português entre os estudantes chineses de português, e analisar a relação entre os dois lados sob múltiplas perspetivas, a fim de encontrar possíveis métodos específicos para estender os progressos da aprendizagem. Entre eles, o questionário é a ferramenta mais básica e eficaz para

¹ Títulos de duas teses da professora Zhang Jing da Universidade de Macau, sobre o uso do português por estudantes chineses.

pesquisar os estados reais da aprendizagem do inglês e do português por estudantes chineses. As perguntas no questionário vão ser desenhadas especialmente para pesquisar quais são as influências que a aprendizagem do inglês tem na aprendizagem do português, e concentram-se nas dificuldades que os estudantes sentem e das interferências de que sofrem entre as duas línguas. Por isso, depois de os dados serem recolhidos, as confusões que os estudantes sentem entre as duas línguas vão ser apresentadas e contrastadas claramente.

Antes de distribuir o questionário e recolher os dados, são propostas algumas hipóteses de trabalho. Primeiro, comparando-a com a sua influência positiva, é possível que a influência negativa do inglês na aprendizagem do português apresente uma tendência mais forte. E entre os aspetos diferentes da aprendizagem da língua, é possível que o vocabulário inglês tenha influência ao mesmo tempo positiva e negativa na aprendizagem do português, porque algumas palavras são parecidas nas duas línguas, o que pode representar uma solução de facilidade mas também uma fonte de confusão; a fonética e a ortografia poderão também implicar transferência positiva e negativa ao mesmo tempo, porque algumas letras têm pronúncias semelhantes nas duas línguas; mas a última hipótese é que a gramática inglesa tem sobretudo uma influência positiva na aprendizagem do português, porque, na verdade, é bastante parecida com a gramática portuguesa. E na base dos dados reais, recolhidos através do questionário, ainda seria possível proceder a mais investigações e estudos aprofundados, na medida em que o questionário possui um grande número de amostras e que todas as perguntas são respondidas anonimamente, o resultado final tem autenticidade e validade credíveis. Além disso, as resoluções que vão ser referidas na parte final também são dignas de mais implementações e verificações na prática, o que pode justificar e suportar novos estudos nesta área.

A base teórica deste trabalho, os seus antecedentes académicos, envolvem teorias de vários campos relacionados com a educação e formação em línguas, como linguística, pedagogia e psicologia, caso, por exemplo, da *Curva dos esquecimentos*, de Ebbinghaus,

ou outras teorias pedagógicas como Thorndike, o Behaviorismo de Skinner, o Cognitivismo de Tolman, o Construtivismo de Piaget e o Generativismo de Chomsky. Neste trabalho, iremos privilegiar alguns conceitos e teorias da linguística aplicada e contrastiva, como a análise contrastiva, o contacto interlinguístico, a teoria da interlíngua e a transferência e interferência linguísticas. Com base nesta referência a teorias científicas de várias áreas conexas, que têm em comum o ensino e a aprendizagem multilingues, privilegiou-se aqui uma análise mais focalizada em questões de interferência e interlíngua.

Capítulo I. Dos conceitos à realidade

1.1 Os conceitos e as palavras-chave deste trabalho

No domínio da linguística, uma área tão histórica e desenvolvida, os conceitos e as palavras-chave são estabelecidos e testados pela história. Assim, para identificar os conceitos e noções destas palavras ou ideias, é necessário revisitar e consultar os estudos dos especialistas e pioneiros anteriores. E para os fazer progredir continuamente, deveríamos ter entendimentos e conhecimentos por nós próprios.

Assim, a *linguística aplicada* representa uma imagem ramificada da linguística, cada vez mais popular, discutida e também controversa nos estudos linguísticos modernos, desde que foi proposta por Baudouin de Courtenay, no final do século 19, até às décadas de 1940 e 1950, em que se formou essencialmente seu modelo moderno.²O seu objetivo principal é resolver os problemas práticos sobre questões linguísticas nas várias áreas científicas, aplicando-lhes teorias linguísticas. De um modo geral, a *linguística aplicada* é separada em dois ramos, um no sentido amplo e outro no sentido estrito. Como refere Peng (2004),

“ A linguística aplicada no sentido estreito refere-se aos estudos do ensino da língua nativa, língua segunda e línguas estrangeiras e é equivalente aos estudos dos métodos de ensino de línguas em vez de uma ciência aplicada como física aplicada e matemática aplicada. A linguística no sentido amplo refere-se aos estudos dos problemas reais e práticos sobre línguas.” (Peng, Y. L.(2004) Dicionário de Lógica : Editora dos dicionários de Shangai) ³

² Peng, Y. L (2004) Dicionário de Lógica : Editora dos dicionários de Shangai

³ “狭义的应用语言学，指对本族语、第二语言及外语教学所作的研究，相当于语言教学法研究，而不是类似应用物理、应用数学那样的应用科学。广义的应用语言学，指各种与语言有关的实际问题所作的研究。”

Além disso, o âmbito de estudo da linguística aplicada depende da necessidade prática, geralmente dividida em linguística aplicada geral e linguística aplicada experimental. A linguística aplicada geral inclui normalmente o ensino das línguas (é a *linguística* no sentido tradicional), o estabelecimento e padronização da norma, a compilação de dicionários, a tradução, etc. E a linguística aplicada experimental estuda como tratar a língua natural com ferramentas avançadas por computador. A linguística aplicada experimental inclui fonética experimental, tradução automática, pesquisa de informação e processamento de informações de caracteres chineses.⁴

Este trabalho está baseado na linguística aplicada geral, especialmente no aspeto do ensino das línguas e não tem diretamente a ver com a linguística aplicada experimental.

Ora, tendo em conta os conceitos e funções da linguística aplicada apresentados acima, gostaria de privilegiar um método ou uma maneira de pensar muito comum para o ensino da língua, especialmente para o estudo do bilinguismo e do multilingue, que é *análise contrastiva*. Este é um método para analisar a necessidade e o efeito da aquisição de duas ou mais línguas, e também é um dos ramos mais recentes da linguística. De acordo com James (1980) ⁵, a análise contrastiva é um método para determinar os erros potenciais através de comparações entre línguas diferentes e finalmente distinguir entre o que deve ser aprendido e o que é desnecessário aprender no ambiente de aprendizagem da língua segunda. E o objetivo da análise contrastiva é prever quais são as áreas fáceis de aprender e quais são as difíceis. Ou seja, como Magro (2016) refere⁶,

“A Análise Contrastiva (AC) foi a princípio muito valorizada graças à afirmação de que o Ensino de Línguas Estrangeiras seria melhorado se se conhecessem os pontos

⁴ “Chinese character information processing”. Tratamento das informações transmitidas através de caracteres chineses.

⁵ James, C. (1980), *Contrastive Analysis*,

⁶ Magro (2016), *Análise contrastiva e análise de erros – um estudo comparativo*. A análise contrastiva é um método para determinar possíveis erros comparando línguas diferentes (como a primeira e a segunda).

*de dificuldades que os alunos teriam quando em situação de sala de aula ao aprender uma segunda língua. A idéia de Fries (1945) de que os materiais pedagógicos mais eficientes são aqueles baseados numa descrição científica da Língua Estrangeira (LE) cuidadosamente comparada com uma descrição paralela da Língua Materna (LM), foi, em 1957, lançada por Lado como um dos princípios da AC. Esta comparação favoreceria a predição dos erros que seriam cometidos pelos alunos durante a aprendizagem, permitindo evitá-los. Segundo este pensamento, o erro é tido como uma erva-daninha que precisa ser evitado,” (Magro, M. C. (2016), *Análise contrastiva e análise de erros – um estudo comparativo. Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais, Ensaios de Linguística. P124-P125*)*

Segundo a função de prever os erros potenciais ou possíveis na aprendizagem da língua estrangeira, podemos concluir que a análise contrastiva é uma maneira muito eficaz e muito científica de aumentar a eficiência e o efeito da aprendizagem de uma língua estrangeira. Tem sido um método muito importante e muito comum no ensino das línguas estrangeiras.

Considerando a situação mais comum no ensino ou na aquisição de uma língua estrangeira, é inevitável um fenómeno ou um resultado, que é o *contacto interlinguístico*. Em geral, o contacto linguístico é um resultado que não se pode evitar na interação de duas ou mais línguas, da mesma forma que dois homens que se encontram e socializam ou comunicam. Quando línguas diferentes chegam a um ponto de intersecção, vão aparecer contactos e interações entre elas. Este fenómeno de contacto ou interação tem origens diversas, como guerra ou conquista (por isso, é mais comum na história), negócios internacionais, comunicação intercultural, imigração ou emigração, e o que é o núcleo do presente trabalho – o ensino das línguas estrangeiras. Nessas situações, várias línguas diferentes comunicam entre si e, no fim, depois de alguns contactos próximos, as línguas vão ser influenciadas umas pelas outras, em aspetos como a sintaxe, a fonética, a morfologia ou a semântica lexical. Sob certas condições, se línguas diferentes

estiverem constantemente em contacto, é possível que uma ou outra sejam mudadas ou até criar uma nova língua comum. Por exemplo, depois de muitos anos de contacto, o chinês já está mudado pelo inglês; assim, algumas das palavras provêm do inglês, como “拜拜” (tchau, provem de bye bye), “香波” (champô, provém de champoo) e “汉堡” (hambúrguer, provem de hamburger), etc. Estas palavras já foram incluídas no Dicionário de chinês, e são certificadas como palavras chineses. Esses são exemplos reais em que uma língua influencia e muda uma outra língua depois de contactos.

Além disso, outro exemplo, a língua oficial da República de Cabo Verde é o português, mas não é exatamente o português de Portugal, é um *crioulo* português, o resultado do contacto entre o português europeu e a língua autóctone. Mas nem sempre quando as línguas estão em contacto, uma delas vai definitivamente ser mudada ou criar uma nova língua. Por exemplo, em alguns países nórdicos, ou no Canadá, falam-se línguas oficiais diferentes, inglês e francês, ou alemão e francês, etc. E nesses países, mesmo que as línguas diferentes se contactem frequentemente, mantêm-se separadas respetivamente e não aparecem mudanças óbvias ou uma língua nova, porque nesses países, as línguas e as relações entre as línguas já são estáveis, não há motivo ou necessidade de se mudar ou criar uma nova.

Por outro lado, em situação de contacto interlinguístico, especialmente na aquisição de uma língua estrangeira, além de mudanças mútuas ou aparecimento de línguas novas, já referidos, também é muito comum a *interferência*. Por exemplo, se considerarmos as mudanças mútuas entre as línguas, como o enriquecimento do vocabulário, juntamente com a criação de novas línguas, se as podermos considerar como resultados positivos do contato linguístico, por outro lado, o contato linguístico também produzirá resultados e impactos negativos, que resultam de interferências entre as línguas em contacto. A palavra *interferência* aparece em muitas áreas científicas, mas o que o presente trabalho vai referir é a *interferência interlinguística*. No início, o que nós notamos mais é a interferência provocada pela língua materna ou pela primeira língua. Mas com o desenvolvimento da linguística e o enriquecimento do conhecimento, a interferência da

língua segunda ou até de uma terceira língua é notada gradualmente. Em geral, a interferência é um fenómeno de *desvio* das normas linguísticas que aparece no processo de contacto entre duas ou várias línguas por causa das diferenças entre as línguas ou idiomas em contacto.

“A principal barreira à aquisição de uma segunda língua é a interferência do sistema da primeira língua com o segundo sistema linguístico...”

“... a aprendizagem da segunda língua consiste basicamente em superar as diferenças entre os dois sistemas linguísticos – as línguas nativa (L1) e alvo (L2)” (Brown 1980: 148).

Por exemplo, há um erro muito comum que aparece sempre no percurso de aprendizagem do português pelos alunos chineses, que é a pronúncia da letra R. Com o contexto do chinês e do inglês, os alunos chineses pronunciam sempre a letra R como se faz em chinês e inglês, ou seja /r/, e não /R/ como em português. Essa é uma interferência da língua chinesa e da inglesa, e também podemos dizer que é uma interferência entre a língua materna/primeira e a estrangeira/segunda. E um outro exemplo é que, quando servia como professora de chinês em Portugal, tinha notado que a maioria dos alunos portugueses não conseguiam pronunciar a letra H corretamente porque essa letra é silenciosa em português. Ora, quando lhes ensinei a palavra “黄色” ([huang se], amarelo), no início eles pronunciaram sempre como [wang se]. Eles não pronunciaram a letra H em chinês, como se faz em português. Esse é também um exemplo prático de interferência do Português língua materna.

Normalmente, a interferência é um processo mútuo. Assim como, na física, os efeitos das forças são mútuos, a interferência não só é refletida na influência que a língua primeira tem sobre a língua segunda, mas a língua segunda também tem uma certa “retro-interferência” na língua primeira. Ainda tomando o português como exemplo, antes de aprender o português, todos os alunos chineses pronunciam a letra H em chinês como se

faz em inglês (/h/) e assim é a forma correta. Mas depois de aprender a pronúncia da letra R em português como /R/, alguns deles começam a pronunciar inconscientemente a letra H como /R/. Esta é um exemplo real de interferência invertida que a língua estrangeira tem na língua primeira ou materna. Nos últimos 30 anos, as áreas académicas de psicologia, educação e linguística têm notado que a interferência é um fenómeno inevitável e comum, sendo uma das razões que os aprendentes querem sempre simplificar o processo da aprendizagem da língua estrangeira e, neste caso, vão tentar assimilar as duas línguas. E uma outra razão é a mudança de hábito, como o exemplo mencionado antes, da pronúncia de H em chinês. Mesmo que a interferência seja inevitável, ainda podemos modificar e corrigir o desvio através de exercícios e práticas repetidas.

Voltando agora ao *desvio* no contacto linguístico ou no processo de aprendizagem de língua, não podemos evitar de referir a noção de *interlíngua*. O conceito de interlíngua foi proposto em 1969 pelo linguista americano Selinker, e foi proposta posteriormente a *hipótese da interlíngua*.⁷ Trata-se de uma hipótese concebida para explorar o sistema linguístico e as leis de aquisição no processo da aprendizagem da língua segunda.⁸ Teve grande significado e profundo impacto na história do estudo da aquisição da língua segunda.

A interlíngua é uma “língua” que é produzida no processo de aprendizagem da língua segunda, não é uma língua no aspeto tradicional, mas é uma língua produzida e usada apenas pelo próprio aprendente. Pode tratar-se de um meio intermediário no processo de aprendizagem da língua segunda. Neste processo, com o conhecimento da língua segunda, o aprendiz vai criar uma língua ao mesmo tempo diferente da língua primeira e da segunda, e a interlíngua vai desenvolver-se gradualmente para a língua

⁷ Selinker, L. (1972), Interlanguage, IRAL; International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 10:3, p.209

⁸ “In the making of constructs relevant to a theory of second-language learning, one would be completely justified in hypothesizing, perhaps even compelled to hypothesize, the existence of a “separate linguistic system” based on the observable output which results from a learner’s attempted production of a TL norm. This linguistic system we will call ‘interlanguage’” (ibid, p.214)

segunda. Ou seja, a interlíngua é um sistema linguístico dinâmico, que ocorre antes da conclusão da aprendizagem da língua segunda. Como a interlíngua não é bem a língua primeira nem a segunda, às vezes é interpretada como um desvio da norma linguística. Contudo, de facto a interlíngua também não é um desvio porque é um sistema a crescer e à espera de se completar, assim como se fosse uma criança, visto que crianças são adultos inacabados, não são “erros”.

A interlíngua é hoje uma área muito importante na aquisição da língua segunda, especialmente para os professores, porque na área de interlíngua, acredita-se que os erros dos alunos são previsíveis e assim os professores podem prevê-los e evitá-los. Além disso, a teoria da interlíngua também acredita que podemos identificar os estágios diferentes dos erros de acordo com a capacidade dos alunos. Por exemplo, no processo de aprendizagem do português pelos alunos chineses, no início ou com capacidade menos suficiente, os erros mais cometidos pelos alunos são erros de pronúncia. Assim, por exemplo, muitos alunos pronunciam “é” (/e/ ou /ɛ/) como “e” (/ə/). Por exemplo, quando os estudantes elementares lêem a frase “Isso é verdade”, alguns deles lêem “é” como /ə/ ou /i/. Esse é um erro elementar. E depois de algum tempo de estudo, os alunos vão gradualmente cometer erros na conjugação dos verbos ou na gramática. Esses são tipos de erros mais elevados ou avançados, e também significam que o nível ou capacidade de aluno está a avançar.

Ora, como a base ou o núcleo do presente trabalho é o ensino e a aquisição de uma língua segunda/estrangeira (o português), estamos a falar sobre contextos de bilinguismo e multilinguismo. Como a grande maioria dos alunos chineses estudam em simultâneo português e chinês, especialmente no início da escolaridade, trata-se de facto de um percurso bilingue (chinês-português). E, crucialmente, muitos também estudam inglês como língua obrigatória na universidade, o que corresponde, neste caso, a um percurso multilingue. Por isso, bilinguismo e multilinguismo são dois conceitos inevitáveis para os alunos chineses de português. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua

Portuguesa⁹ e o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências¹⁰, *bilinguismo* significa “a situação de uma comunidade em que são faladas duas línguas” (<https://dicionario.priberam.org/bilinguismo>), ou seja, uma comunidade de duas línguas; ou o domínio de duas línguas por parte de um falante.

O corpo principal do presente trabalho aborda o ensino do português, por isso o núcleo é aqui o indivíduo estudante ou falante em vez de uma comunidade. Neste caso, o conceito presente na palavra *bilinguismo* refere-se ao segundo (domínio de duas línguas por um falante). Em geral, o *bilinguismo* reflete o ambiente e a maneira de aprender e de aprender o português pelos alunos chineses. E acima do *bilinguismo*, há um nível mais relevante, e mais elevado, que é o *multilinguismo*. Se considerarmos *bilinguismo* como uma palavra para descrever um ambiente de duas línguas para ensinar ou aprender línguas, o *multilinguismo* consiste em juntar mais uma ou várias língua(s). Também de acordo com o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, a palavra *multilingue* tem dois valores semelhantes. Um primeiro é que existem várias línguas diferentes e o outro é que se pode utilizar correntemente várias línguas. É o caso dos alunos chineses de português, que estudam português e chinês, o que é *bilinguismo*, mas que ainda têm o contexto ou conhecimento do inglês, o que é já um caso de *multilinguismo*. Concretamente, quando os alunos chineses vêm para Portugal estudar português, no início não conseguem falar muito bem e às vezes têm que substituir algumas palavras pelo inglês, como em “Posso ter um sumo de *pineapple*?” (quando os alunos conversam com os portugueses e não sabem a palavra *abacaxi* ou *ananás*). Esta situação significa que eles estão a usar *bilinguismo*. Mas quando os alunos chineses conversam uns com os outros, vão usar o chinês. Portanto, podemos dizer que, para os alunos chineses de português que estudam no estrangeiro, os mesmos têm um ambiente *multilingue*. De facto, esse caso é muito comum para os alunos chineses de idiomas menos falados, não só português, mas também alemão, francês, espanhol, etc.

⁹ www.priberam.pt

¹⁰ Casteleiro, J.M. (2001), Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências. Lisboa: Editor Verbo

1.2 O estado do ensino de português na China e da aprendizagem de português pelos alunos chineses

Hoje em dia, há cada vez mais alunos chineses que estudam português e a tendência está a ficar mais forte. Mesmo que o português ainda não seja comum, está a ficar mais e mais popular entre os idiomas menores.

Sobre este caso, a China continental e Macau têm ritmos diferentes. A primeira universidade da China continental a oferecer um curso de português foi o Instituto de Radiodifusão de Pequim (que foi renomeado Universidade de Comunicação da China) em 1960.

“Nos 40 anos entre os 1960 e 2000, a China administrava cursos de português alternadamente pelas três universidades acima mencionadas (Instituto de Radiodifusão de Pequim/Universidade de Comunicação da China, Instituto de Estudos Estrangeiros de Pequim/Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, Instituto de Estudos Internacionais de Shanghai/Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai) e treinou mais de 400 talentos bilíngues chinês-portugueses, com uma média de apenas 10 graduados por ano, servindo principalmente as unidades de diplomacia ou relações exteriores.”¹¹
(Centro de Ensino e Estudo da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau, Situação geral do desenvolvimento do ensino de português nas universidades chinesas, 2018, p1)

Podemos concluir que o ensino do português na China continental foi realizado relativamente tarde e se desenvolveu lentamente no início. Mas depois, com o passo da

¹¹ “从 60 年代初至两千年的 40 年里，中国一直由上述三所高校（北京广播学院/中国传媒大学、北京外国语学院/北京外国语大学、上海外国语学院/上海外国语大学）交替开办葡语专业，共培养 400 多名中葡双语人才，平均每年仅有 10 名毕业生，主要服务于外交或外事单位。”

globalização e cada vez mais necessidade de negociar ou comunicar com Portugal e outros países lusófonos, começando com a abertura do curso de português pela Universidade de Estudos Internacionais de Pequim e pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin em 2005, surgiu uma tendência acesa e popular de cursos de português em todo o país. Até agora, na China continental, há quase 50 universidades que oferecem cursos de português (alguns aparecem como cursos profissionais obrigatórios e outros como cursos eletivos), incluindo a Universidade de Estudos Internacionais de Xian, a Universidade de Pequim e a Universidade de Estudos Internacionais de Sichuan.

Tratando-se de Macau, os institutos de ensino superior de Macau apareceram mais tarde do que na China continental, e por isso o ensino de português de nível superior também apareceu mais tarde. Mas Macau tem uma história longa de treinamento ou formação de português. E com a tradição histórica, o ensino de português cresceu muito rapidamente, sendo que agora em Macau há a Universidade de Macau e o Instituto Politécnico de Macau, que são muito famosos no ensino de português:

*“Tomando como exemplo o ano letivo de 2016-2017, existiam mais de 2,300 alunos na área de língua portuguesa (cursos com diplomas e disciplinas eletivas) na China continental e mais 939 em Macau, com um total de mais de 3,000. De acordo com as estatísticas de matrícula e graduação, a matrícula média anual é mais de 700 pessoas e mais de 500 graduados em todo o país.”*¹² (Centro de Ensino e Estudo da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau, Situação geral do desenvolvimento do ensino de português nas universidades chinesas, 2018, p1)

De um modo geral, o ensino do português ainda não é tão comum como o do espanhol, francês ou alemão na China, mas, como idioma menor e muito jovem na China, está a

¹² “仅以 2016-2017 学年为例，中国内地葡语专业（学位及选修课程）在校学生达 2300 多人，澳门亦有 939 人，总数超 3000 人。若以招生及毕业数字统计，全国每年平均招生七百多人，毕业五百多人。。”

prosperar.

Sobre o tipo de ensino, as universidades chinesas geralmente adotam turmas pequenas, com 20 a 30 alunos por turma. Normalmente os professores dão aulas de gramática (com manuais como «Português para Ensino Universitário» ou «Português XXI»¹³, etc.), aulas de leitura e de escrita em chinês, e os professores leitores dão aulas de oralidade e de compreensão oral. E também há muitas poucas universidades que adotam só professores leitores a dar aulas. Mas a maioria adota professores chineses e estrangeiros ao mesmo tempo para serem responsáveis por aulas diferentes. Além de aulas de português, todos têm, como alunos chineses, que ter aulas obrigatórios de inglês. Mas diferentes universidades têm regulamentos e requisitos diferentes, algumas só oferecem aulas de inglês por um ou dois anos, enquanto outras oferecem por três anos. Isso significa que para alguns alunos, a aprendizagem do inglês só se realiza no início do processo da aprendizagem do português, enquanto para os outros, têm que aprender inglês em paralelo durante quase todo o processo da aprendizagem de português na universidade. Contudo, mesmo que sejam os alunos que só precisam de aprender o inglês por um ano na universidade, têm capacidade suficiente em inglês porque o inglês é também uma matéria obrigatória no ensino nacional (na China também há alunos que escolhem japonês ou russo como língua estrangeira obrigatória em vez de inglês, mas são poucos e, embora estes alunos não estudem inglês na escola primária, também têm o contexto do inglês porque o inglês é um assunto obrigatório na escola primária e secundária.) Ou seja, podemos dizer que todos os alunos chineses de português têm experiência de estudar inglês por muitos anos e isso significa que a influência que o inglês tem na aprendizagem do português é inevitável e não pode ser ignorada.

¹³ Ana Tavares (2003), *Português XXI*, Lisboa, Lidel

Capítulo II. Contacto com os dados reais

2.1 Desenho de questionário

Para conhecer mais especificamente os estados da aprendizagem do português e as relações reais entre a aprendizagem do português e a aprendizagem do inglês pelos alunos chineses, é necessário recolher os dados e as suas experiências. O questionário é um método muito comum nas investigações científicas. Através de um conjunto de perguntas específicas e detalhadas, o que é o questionário, pode-se obter respostas dos inquiridos e depois identificar tendências e descobrir problemas ao analisar as respostas. Este método provém de domínios como a psicologia e sociologia, mas é usado amplamente nas investigações em outras áreas, incluindo linguística aplicada. Nestes casos, o questionário é dividido em vários tipos de recolha de dados, havendo como exemplo o questionário de jornal, o questionário postal, o questionário de entrevista, o questionário por telefone, etc. De acordo com contextos sociais e técnicos diferentes, adotam-se questionários diferentes, e cada tipo tem vantagens e desvantagens respetivas.

Para atingir o maior número de respondentes e obter respostas mais oportunas, escolhi o questionário via Internet. Desenhei um questionário relativo ao tema da presente dissertação por meio de Wenjuanxing (<https://www.wjx.cn/>), um site profissional sobre questionários. O presente questionário inclui 16 perguntas, das quais 12 obrigatórias e 4 facultativas, destinadas a pesquisar se os estudantes chineses de português têm dificuldades de aprendizagem ao tratar das relações entre a prática do inglês e do português, e investigar preliminarmente em que aspeto residem as confusões e dificuldades.

Para investigar e identificar a capacidade e a duração da aprendizagem do inglês e do português dos estudantes chineses, desenhei as primeiras três perguntas:

1. Há quantos anos aprende português?

2. Há quantos anos aprende inglês?

3. Desde quando deixou de estudar inglês?

Estas perguntas mais básicas ajudam a verificar se todos os estudantes chineses de português estão em contexto de aprendizagem do inglês e, portanto, em situação de confusão potencial na relação entre o português e o inglês. E permitem também especular sobre a profundidade do domínio do português e do inglês. Como todos sabemos, a duração da aprendizagem de uma língua tem uma relação muito direta com o domínio que o aprendiz tem dela. Se um aprendiz estuda uma língua por mais tempo, vai ter um domínio mais profundo desta língua. E, por outro lado, se o aprendiz deixar de estudar essa língua, o seu domínio vai diminuir passo a passo. Se tiver impressão mais profunda de uma língua, isso vai ter influências mais óbvias na aprendizagem de outra língua, especialmente quando estudar duas línguas semelhantes ou da mesma área linguística (como o português e o inglês, cujo vocabulário de origem latina é parcialmente comum). Ou seja, se não se souber uma língua completamente ou se já se esqueceu, não vai haver influências na aprendizagem de outra língua. Por isso, identificar a duração da formação dos estudantes em português e inglês é importante e básico para investigar a confusão dos falantes e os casos de transferência entre estas línguas.

Relativamente às opções, na primeira pergunta, desenhei as opções como A. menos de 3 anos, B. 3-5 anos, e C. mais de 5 anos. Estas três opções representam estudantes de nível licenciatura, mestrado e doutoramento. Por exemplo, se alguém escolher B, pode-se inferir que é um estudante de mestrado ou no último ano de licenciatura. Estas opções fazem com que todos os estudantes chineses de português podem usar este questionário sem serem limitados pela duração do estudo. E isso também faz com que o questionário pode incluir exemplos e respostas mais amplos para que o resultado tenha mais aplicabilidade.

A seguir, a quarta pergunta e a quinta são:

4. Tem alguma experiência em aprender inglês e português no mesmo período? (Por

exemplo, enquanto estuda português na faculdade, também tem aulas de inglês).

5. Acha subjetivamente que a aprendizagem do inglês tem alguma influência na aprendizagem do português?

As opções são apenas *Sim* ou *Não*. Estas duas perguntas verificam ainda mais os estados de aprendizagem do português e do inglês e confirmam ou não a existência de interferência, porque a mesma tem um impacto objetivo (segundo as opiniões dos professores e os desempenhos dos estudantes quando usam o português na realidade) e, ao mesmo tempo, um sentido subjetivo (se os alunos se sentem confusos subjetivamente, isso também tem influência no percurso de aprendizagem). E se os estudantes estudarem as duas línguas ao mesmo tempo, vão ter mais possibilidades de confundir o português e o inglês. Mas se os estudantes estudarem as duas línguas em períodos diferentes, a memória ou domínio de uma língua vai diminuir e por isso não vai ter tanta influência na outra. Mesmo que normalmente a resposta à quinta pergunta seja afirmativa, se calhar ainda há alguns estudantes que não sentem nenhuma influência do inglês na aprendizagem do português, porque cada pessoa tem a sua própria maneira de estudar e memorizar. Por isso, se estes estudantes escolherem *D. Acho que não tem nenhuma influência* na quinta pergunta, não precisam de responder as duas perguntas seguintes.

A sexta e a sétima perguntas são perguntas de controlo:

6. Se achar que a aprendizagem do inglês tem influência positiva na aprendizagem do português, em que aspeto sente essa influência positiva?

7. Se achar que a aprendizagem do inglês tem influência negativa na aprendizagem do português, em que aspeto sente essa influência negativa?

Estas duas perguntas fazem os estudantes expressar proactivamente os seus sentidos ou dificuldades e identificam preliminarmente os aspetos em que têm dificuldades. São duas questões de escolha múltipla. Pus 4 opções de resposta em cada pergunta incluindo os

aspectos principais na aprendizagem do português: vocabulário, fonética e gramática. Estes são os elementos que os estudantes chineses de português estudam ou usam mais no percurso de aprendizagem. É claro que os estudantes também estudam escrita, leitura até cultura ou história portuguesas, mas vocabulário, fonética e gramática são os elementos mais importantes para estudar a própria língua de comunicação e o presente trabalho só aborda aspectos da linguística aplicada, não vai discutir aspectos como cultura ou literatura. A opção *Outro* é para os respondentes que têm opiniões atípicas.

Contudo, às vezes, os sentidos subjetivos não são precisos ou suficientes, ou se calhar alguns estudantes não são bons em encontrar ou expressar os seus problemas de estudo. Por isso, além das perguntas anteriores, para inspirar os respondentes e ajudá-los a resolver os seus problemas, pus três grupos de perguntas de controlo, com exemplos reais e objetivos nos aspectos relativos a vocabulário, fonética e gramática, como se vê nas perguntas 8 a 13. Com os exemplos reais e específicos, os estudantes podem examinar mais objetivamente se têm problemas nesses campos.

Por exemplo, a oitava e a nona pergunta focam-se no vocabulário:

8. Você fica habitualmente confuso/a quando se lembra de ou usa palavras semelhantes em inglês e português? Por exemplo, Brasil e Brazil. Ou não sente confusão com palavras semelhantes?

9. Há palavras, como a palavra "chocolate", que são próximas em português e em inglês. Você acha que a proximidade das palavras em inglês e português facilita ou pelo contrário dificulta a aprendizagem das palavras em português?

Com exemplos reais como *Brasil* e *chocolate*, seria mais fácil para os respondentes clarificar se o inglês os ajuda a estudar português e se ficam confusos quando usam tais palavras. A oitava pergunta verifica se os estudantes chineses têm dificuldade em distinguir palavras parecidas em português e inglês ou se sentem confusão entre as palavras portuguesas e inglesas, porque há muitas palavras que são semelhantes até em ortografia em

português e inglês. Para os estudantes chineses, é comum e normal haver interferência entre palavras semelhantes, como *Brasil* e *Brazil*, *minuto* e *minute*, ou *positivo* e *positive*. Estas palavras de cada grupo têm significado próximo em ambas as línguas e as suas ortografias são muito parecidas, logo enganadoras. Aliás, como os exemplos que dou, algumas palavras inglesas podem ser pronunciadas com regras de pronúncia do português, e assim, será ainda mais difícil para os estudantes chineses distingui-las. Em outros casos, se uma palavra inglesa não pode ser pronunciada com regras de pronúncia de português, como *important* (em português, *importante*) e *music* (em português, *música*), mesmo que as ortografias sejam parecidas, os estudantes ainda podem distingui-las com regras de pronúncia. Mas se se depararem com palavras inglesas que podem ser pronunciadas com regras de pronúncia de português ou a pronúncia é quase igual em português, como *positivo* e *positive* e *Brasil* e *Brazil*, a situação vai ser mais difícil e desajeitada.

Contudo, além da interferência, às vezes as palavras inglesas também ajudam os estudantes a aprender português, especialmente quando a ortografia de alguma palavra é igual em português e em inglês, como *envelope*, *chocolate* e *cinema*. Isto significa que, sempre que se estude uma dessas palavras em inglês, mesmo que ainda não se estude português, os estudantes já a conhecem. Ou melhor, o inglês ajuda a aumentar a quantidade de vocabulário de português. Numa palavra, se a ortografia de uma palavra é parecida mas não bem igual em português e inglês, é possível para alguns dos estudantes chineses sentir alguma confusão na escrita; mas se a ortografia de uma palavra é igual em português e inglês, é muito possível isso ajudar os estudantes a conhecê-la também em português.

No aspeto da fonética, propõe-se as duas perguntas seguintes:

10.A pronúncia de algumas letras em inglês afeta negativamente a sua memória da pronúncia em português? Por exemplo, a pronúncia de H?

11.A pronúncia de algumas letras em inglês é útil para memorizar a pronúncia em português ? Por exemplo, a pronúncia de Z.?

Uma vez que parte do léxico do português e do inglês (e também a ortografia e a pronúncia) tem uma origem parcialmente comum (o latim) e que as letras do alfabeto são iguais, há algumas letras que têm pronúncias iguais em português e inglês como *L* ([l]), *S* ([s]) e *Z* ([z]). Por exemplo, a pronúncia da letra *L* na palavra portuguesa *Lua*, e na palavra inglesa *lamb*; a pronúncia da letra *S* na palavra portuguesa *Sul*, e na palavra inglesa *Sun*; a pronúncia da letra *Z* na palavra portuguesa *Zangada*, e na palavra inglesa *Zombie*, são bem iguais. Mas, como duas línguas diferentes, também há muitas letras com pronúncias diferentes em português e inglês, como as líquidas *R* ([r] ou [ʀ] e [r]), e a glotal *H* ([h] e silencioso).

Vejamos a seguir o quadro de consoantes do Português europeu¹⁴, e, de seguida, o quadro de consoantes do Inglês (dialeto americano)¹⁵, de forma a destacar algumas diferenças relevantes:

Ponto de Articulação		Modo de Articulação				
		Oclusivas		Fricativas	Laterais	Vibrantes
		Orais	Nasais			
Bilabiais	Vozeada	b	m			
	Não-Vozeada	p				
Labio-Dentais	Vozeada			v		
	Não-Vozeada			f		
Apico-Dentais	Vozeada	d		z		
	Não-Vozeada	t		s		
Alveolares	Vozeada		n		l	r
	Não-Vozeada					
Palatais	Vozeada		ɲ	ʒ	ʎ	
	Não-Vozeada			ʃ		
Velares Vozeada	Vozeada	g		ɣ	ʀ	
	Não-Vozeada	k				

Tabela 1 – consoantes do português europeu

¹⁴ http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo3_1.html

¹⁵ <https://www.sk.com.br/sk-conso.html>

ENGLISH CONSONANT PHONEMES: (Standard American dialect)														
Position	BILABIAL		LABIODENTAL		DENTAL		ALVEOLAR		PALATAL		VELAR		GLOTTAL	
Manner	VI.	Vd.	VI.	Vd.	VI.	Vd.	VI.	Vd.	VI.	Vd.	VI.	Vd.	VI.	Vd.
STOPS	p	b					t	d			k	g		
AFFRICATES									tsh	dzh				
FRICATIVES			f	v	θ	ð	s	z	ʃ	ʒ			h	
NASALS		m						n					ŋ	
RETROFLEXES										ɻ				
LATERALS								l						
FLAPS	occur only on the phonetic level. Ex: water ['wɑːtər] ¹													
TRILLS	never occur in English, except in Scottish													
GLIDES		w								y				

VI. = voiceless (sem vibração das cordas vocais)
Vd. = Voiced (acompanhado de vibração das cordas vocais)

Tabela 2 – consoantes do Inglês

Assim, embora os grafemas e o sistema fonológico sejam globalmente iguais, alguns sons são contudo parcialmente diferentes nestas duas línguas. É o caso, por exemplo, da pronúncia da letra *R* na palavra *Rádio*, em que /R/ é uma vibrante uvular em português, mas é uma consoante alveolar /r/ em inglês. Também a (não) pronúncia da letra *H* na palavra portuguesa *Hidratante* difere da pronúncia do grafema *H* na palavra inglesa *High*, em que /h/ corresponde a uma articulação fricativa glotal (cf. Tabelas 3 e 4 acima)

Enfrentando as letras que têm pronúncias respetivas iguais nas duas línguas, se calhar os estudantes chineses sentem alguma facilidade, ou então os conhecimentos do inglês ajudam-nos a memorizar as pronúncias em português; enfrentando as letras cujas pronúncias são diferentes em português e inglês, é muito possível os estudantes sentirem-se confusos. Para clarificar este problema, foram desenhadas as perguntas 10 e 11. Além disso, talvez haja respondentes que acham que a fonética/pronúncia inglesa só tem influência positiva na aprendizagem do português, e haja alguns que acham que só tem influência negativa, e também é possível haver os que acham que tem influência positiva e negativa ao mesmo tempo, quando enfrentem letras diferentes. Quem achar que a pronúncia inglesa só tem influência positiva na aprendizagem do português, pode escolher a opção B na pergunta 10

e a opção A na pergunta 11; quem achar que só tem influência negativa, pode escolher a opção A na pergunta 10 e a opção B na pergunta 11; e quem achar que tem influência positiva e negativa ao mesmo tempo, pode escolher a opção A em ambas pergunta 10 e 11. Assim, todas as possibilidades e hipóteses podem ser incluídas nas respostas.

E no aspeto de gramática, o grupo controlo é :

12.Você acha que a gramática do inglês afeta negativamente a sua memória e compreensão da gramática do português? Por exemplo, a ordem das palavras de algumas frases interrogativas ?

13.Você acha que a gramática do inglês é útil para memorizar e compreender a gramática do português? Por exemplo, a ordem das palavras de algumas frases declarativas?

De facto, a gramática do português aparenta ter muitas semelhanças e ao mesmo tempo muitas diferenças com a gramática do inglês, por um lado porque são duas línguas diferentes, mas também porque ambas pertencem ao mesmo ramo geral das línguas indo-europeias. Por causa de algumas regras de gramática serem parecidas em português e inglês, é possível que os conhecimentos da gramática inglesa ajudem os estudantes a compreender ou memorizar a gramática do português; mas ao mesmo tempo, uma vez que há muitas regras de gramática diferentes em português e inglês, como na sintaxe ou na morfologia, é provável que a aprendizagem anterior do inglês afete negativamente, ou interfira na aprendizagem posterior do português, porque existe a possibilidade de confundir as duas línguas a nível dessas regras. Tomando como exemplo a sintaxe, de acordo com as regras gramaticais do português e do inglês, os padrões de ordem de palavras em frases interrogativas são geralmente diferentes, embora a ordem das palavras em frases declarativas seja normalmente igual. É claro que também há alguns usos de frases interrogativas que são iguais ou semelhantes em português e inglês, e ainda alguns usos de frases declarativas que são diferentes.

A seguir às perguntas, dou dois exemplos para motivar os respondentes, o que não significa que todos os usos de frases interrogativas são diferentes ou todos os usos de frases

declarativas são iguais em português e inglês. Por exemplo, a frase interrogativa: *Quando é que tu vais às compras?* Em inglês: *When will you go shopping?* Em português, quando existe a forma perifrástica “é que” (que corresponde à palavra modal “will”), não se verifica inversão do sujeito (“tu vais”), mas, em inglês, a inversão do sujeito é obrigatória neste tipo de interrogativa. De facto, nas frases interrogativas em “é que” em português, o sujeito não pode ser invertido. Por seu lado, a ordem de frases declarativas é normalmente mais fácil, pois resulta da ordem universal sujeito + predicado, e, assim, se não se souber como é a ordem em português, pode-se sempre referir ao inglês, como, por exemplo: “O João faz os seus trabalhos para casa todos os dias.”, e “John does his homework everyday”.¹⁶.. Por isso, os dois exemplos que dou no questionário são um ponto específico na gramática, mas não são absolutos e não incluem todas as situações relacionadas com frase interrogativas e declarativas em português e inglês.

Além do vocabulário, da fonética e da gramática, é claro que as influências do inglês na aprendizagem do português também aparecem em outros aspetos. Na medida em que o percurso de aprendizagem de uma língua é um percurso complexo, os estudantes não só estudam a própria língua, como também, como se disse, a cultura, a literatura, e até a história de Portugal, e estas disciplinas ajudam os estudantes a compreender melhor a língua e dão-lhes mais interesse em estudar português. Por exemplo, para os estudantes chineses de português da Universidade de Estudos Internacionais de Sichuan, além das disciplinas de *oralidade, audição e composição*, também têm a disciplina de *Introdução aos Países Lusófonos*, ou para os estudantes chineses de PLE da Universidade de Aveiro, além das disciplinas de gramática e língua portuguesa, também têm disciplinas de *cultura portuguesa e história portuguesa*. A aprendizagem do português ou de qualquer outra língua não pode

¹⁶Para ser mais completa, dou aqui dois outros exemplos. Vejamos este caso de interrogativas, em português e em inglês:

Onde está o meu telemóvel?

Where is my phone?

Podemos ver que, na ausência de “é que”, a estrutura e ordem das palavras destas frases interrogativas são iguais em português e inglês.

Vejamos por fim outro exemplo, relacionado agora com as frases negativas:

Não sou egoísta.

I am not selfish.

Nestas frases negativas, a ordem da palavra negativa e do verbo é diferente em português e inglês

ser um percurso isolado, tem que ser um complexo de vários aspetos culturais. Contudo, não é possível clarificar tudo numa dissertação e o volume de trabalho seria gigantesco. Por isso, no presente trabalho, só queria percorrer os aspetos principais e mais importantes relativos diretamente à linguística aplicada ao português. Mas mesmo assim, é óbvio que ainda há outras influências do inglês na aprendizagem do português. Talvez haja respondentes que pensam em outros aspetos mais estreitos e específicos que eu não referi. Portanto, concebi a décima quarta pergunta:

14. Que tipo de influência você acha que a sua aprendizagem do inglês ainda tem na aprendizagem do português? Pode responder em português, inglês ou chinês.

Esta pergunta não tem opções (é uma pergunta livre) e permite que os respondentes preencham um espaço deixado em branco. A pergunta 14 permite aos respondentes expressar os seus próprios sentidos e opiniões, que não são eventualmente contemplados no resto do questionário, e assim as respostas e o resultado final podem ser mais inclusivos e abrangentes.

A penúltima pergunta é uma pergunta de feedback de português para inglês:

15. Você acha que o seu nível de inglês mudou depois de ter começado a aprender português?

Embora o presente trabalho se concentre em procurar e identificar as influências que o inglês tem na aprendizagem do português, a pergunta 15 serve também sempre para apurar as conclusões do estudo. Ou seja, ajudar os estudantes chineses a estudar melhor as duas línguas é o objetivo final da minha dissertação, em vez de analisar só o português e ignorar o inglês. E uma vez que hoje em dia estudar inglês é necessário para toda a gente, conhecer a interferência do inglês no português é muito útil para melhorar a educação universitária. Esta pergunta tem três opções que incluem aqueles que sentem influência positiva do português na aprendizagem do inglês, ou influência negativa, e os que não têm opinião óbvia.

A última pergunta é facultativa e livre:

16. Este questionário incidirá sobre a influência do inglês na aprendizagem do português. O que deseja expressar mais sobre este tópico? Pode responder em português, inglês ou chinês.

Não tem opções e, se quiserem responder, os respondentes devem redigir a sua resposta. Concebi esta pergunta porque é possível que alguns respondentes tenham sugestões para este questionário ou outras opiniões relativas ao mesmo. Assim, poderá haver comentários sobre o questionário e as possibilidades de o melhorar para pesquisa e estudo de acompanhamento. Estes comentários poderão posteriormente merecer um seguimento, sob forma eventual de uma entrevista orientada.

Este questionário foi desenhado especialmente para a presente dissertação de mestrado e serve, como se disse, para investigar preliminarmente as influências principais que o inglês tem na aprendizagem do português. Para continuar este estudo no futuro ou para investigações e pesquisas mais profundas, ainda seriam precisas outras perguntas mais detalhadas e específicas, como se sugeriu.

2.2 Recolha e sumário dos dados

Após ter desenhado o questionário, distribuí-o pelos estudantes chineses de português e em três dias, recolhi 77 respostas válidas. Os respondentes incluem principalmente estudantes de licenciatura e mestrado, na China e em Portugal. Uma parte deles estudam o português há pouco tempo, enquanto outros já o estudam há muito tempo. E provêm de universidades diferentes, por exemplo, Universidade de Aveiro, Universidade de Lisboa, Universidade de Minho, e várias universidades chinesas como a Universidade de Estudos Internacionais de Sichuan e a Universidade de Estudos Internacionais de Jilin. Estas são uma parte das universidades principais nas quais os estudantes chineses estudam o português em

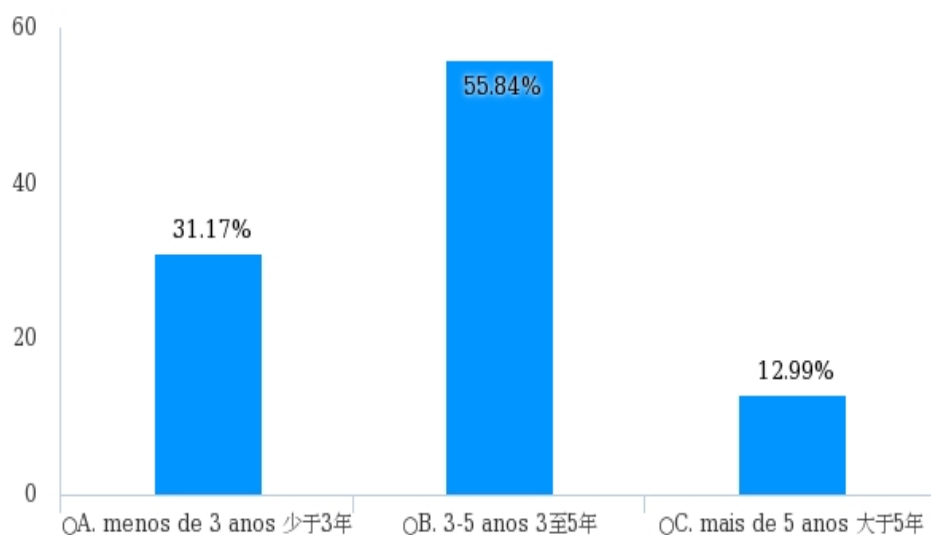
níveis diferentes.

Além disso, o questionário não é limitado por idade ou sexo. Ou seja, as respostas são um conjunto de situações variadas, incluindo muitos casos comuns e amplos e podem representar de forma abrangente os estados da aprendizagem do português por estudantes chineses. Através destas respostas, pode-se visualizar a tendência e a situação comum no campo de influências que a aprendizagem do inglês tem na aprendizagem do português por estudantes chineses. Alguns resultados já superaram o que estava previsto. Veja-se a seguir os resultados das opções de cada pergunta através de histogramas, para que a tendência seja mais clara.

2.2.1. Análise sociolinguística dos inquiridos

Vamos a seguir proceder à análise dos dados recolhidos, de forma a obter um perfil geral dos estudantes inquiridos.

1. Há quantos anos estuda português?



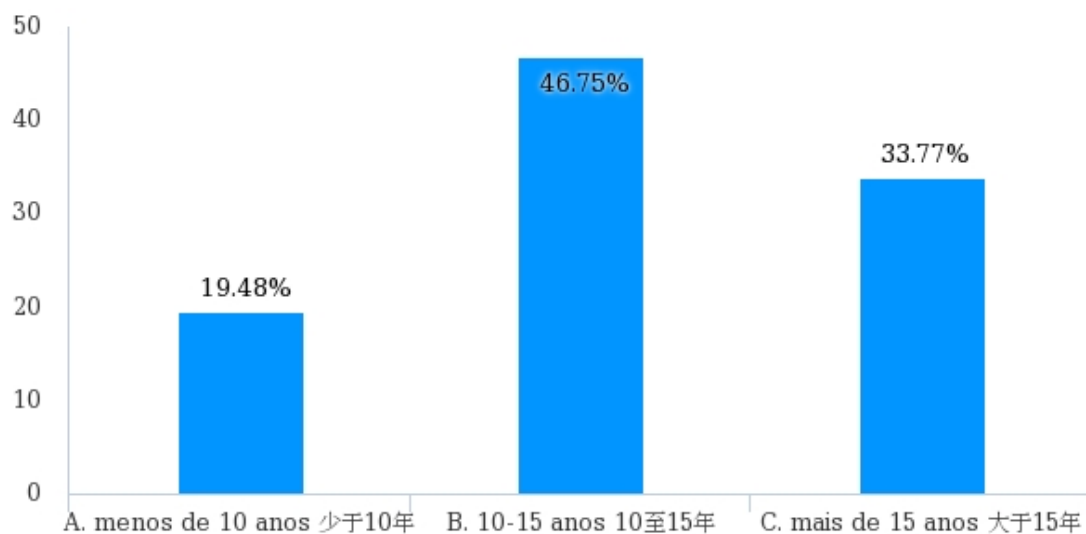
(1)

Como eu já referi no parágrafo anterior, as três opções da pergunta 1 representam três níveis de aprendizagem do português. A opção A representa os

estudantes de licenciatura que estudam o português só há pouco tempo. Ou podemos ainda inferir que a memória do português para estes estudantes é ainda superficial, se calhar a memória do inglês é mais profunda para eles. A opção B representa os estudantes de mestrado ou os que já estudam o português por tempo suficiente. Para estes estudantes, o domínio do português é mais forte e profundo do que os que escolheram a opção A. A opção C representam os estudantes de doutoramento ou os que já estudam o português por tempo considerável. Para eles, o domínio do português já deve ser muito profundo. De acordo com o resultado, podemos concluir que a maioria dos estudantes que responderam ao questionário são os estudantes de mestrado e depois os licenciados.¹⁷ Por isso, os resultados finais deste questionário representam em prioridade os estudantes que têm uma experiência linguística de português de nível intermediário.

¹⁷ Obviamente, o número de estudantes de doutoramento é sempre inferior (mas não inexistente), em termos estatísticos.

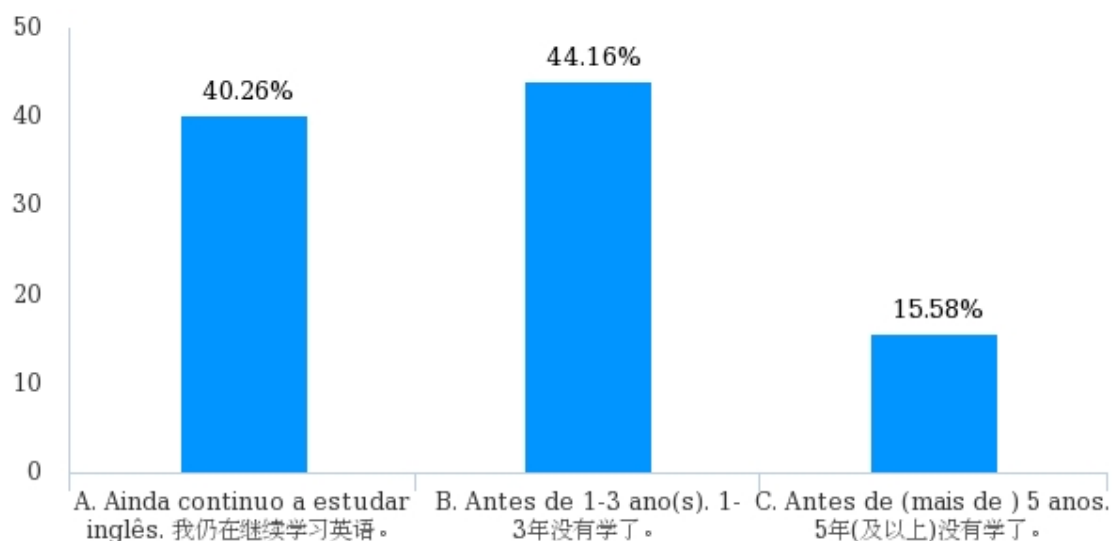
2. Há quantos anos estuda inglês?



(2)

Comparado com a primeira pergunta, o centro de gravidade das respostas da pergunta 2 desloca-se para a direita, incidindo sobre as durações mais longas. Ou melhor, os estudantes chineses de português estudam geralmente o inglês por um tempo muito longo, que pode ir até 15 anos para 33% dos inquiridos. Além da escola primária e do ensino secundário, alguns inquiridos continuaram ou continuam a estudar inglês na universidade, mesmo que fossem entretanto também estudantes de português. Isso significa que, para eles, a memória do inglês é muito profunda e a aprendizagem do português vai definitivamente ser influenciada. A pertinência potencial do tema do presente trabalho é, pois, confirmada através da pergunta 2.

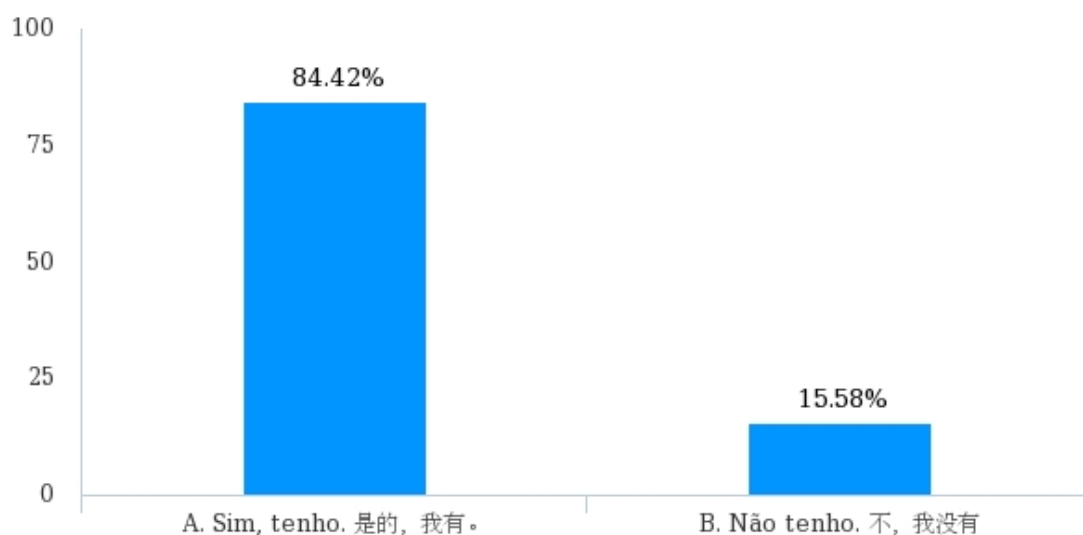
3. Há quanto tempo deixou de estudar inglês?



(3)

Além de duração de aprendizagem, a distância entre a conclusão da formação numa língua e a aprendizagem de outra também influencia a memória e o grau de domínio pelos aprendizes. Na pergunta 3, a grande maioria dos respondentes escolheram a opção A e B, e estas duas opções indicam que eles não abandonaram o estudo do inglês ou só o abandonaram há pouco tempo. Ou seja, mais de 80% dos respondentes ainda têm uma impressão muito clara do inglês, ainda não tiveram muito tempo ou tempo suficiente para o esquecer. Juntamente com a pergunta 2, o resultado da pergunta 3 confirma mais uma vez a pertinência do tema do presente trabalho.

4. Tem alguma experiência em aprender inglês e português ao mesmo tempo? (Por exemplo, enquanto estuda português na faculdade, também tem aulas de inglês)



(4)

Se os inquiridos estudarem o português e o inglês no mesmo período, é provável terem mais possibilidade de confundir estas línguas, especialmente no início deste período. De facto, antes de terem conhecimentos suficientes do português, estes vão ser confundidos com os conhecimentos anteriores de inglês, por não haver um período de transição. Contudo, segundo os dados anteriores, é uma situação comum para os estudantes chineses, porque o Ministério da Educação da China exige que para os estudantes universitários, só os estudantes que obtenham o certificado de *Colégio Inglês Nível 4* podem ser graduados de uma universidade. Para ajudar os estudantes a passar este exame, todas as universidades na China têm disciplinas de inglês para todos os estudantes. (Há uma minoria de respondentes que não tem essa experiência, porque em algumas universidades, se o aluno já passou o exame de inglês ou já tem capacidade suficiente, não precisa de atender as aulas de inglês.) Quase 85% dos respondentes escolheram a opção A, o que significa que, para os estudantes chineses de português, existem condições antecedentes potenciais de confundir o português e o inglês e talvez isso provenha de um currículo universitário inadequado.

2.2.2. Análise linguística dos dados recolhidos

Vamos agora proceder à análise dos dados linguísticos, de forma a identificarmos eventuais casos de confusão, transferência ou interferência no contacto entre o inglês e o português por parte dos estudantes chineses de português. Cada pergunta será, da mesma forma, projetada num histograma, de forma a melhor identificarmos essas eventuais confusões.

5. Acha subjetivamente que a aprendizagem do inglês tem alguma influência na aprendizagem do português?



(5)

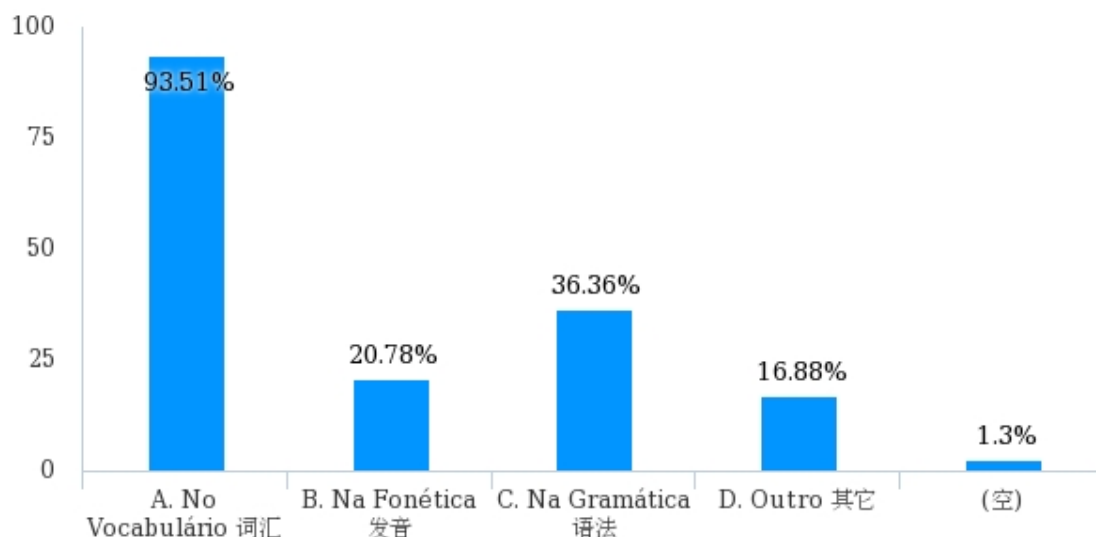
(Limitado pelo tamanho, o histograma em cima não apresenta completamente as legendagens do gráfico. A opção C é: *Acho que tem influências positivas e negativas ao mesmo tempo*. E a opção D é: *Acho que não tem nenhuma influência*.)

A esta pergunta, sugiro que se dê mais atenção, porque o resultado é muito

interessante e excedeu as expectativas anteriores.

Embora possam ser refletidas pelos desempenhos objetivos ou ideias mais objetivas dos professores, as influências que o inglês tem na aprendizagem podem refletir a opinião dos próprios respondentes, porque, como aprendizes independentes e maduros, em alguns aspetos, sabem quais são as dificuldades e quais podem ser as ajudas. De facto, 37% dos respondentes acham que o inglês ajuda a estudar português e não tem influências negativas. Mas há quase 60% dos respondentes que acham que o inglês tem influências, boas e más ao mesmo tempo. Quase não há respondentes que acham que o inglês só tem influências más ou não tem nenhuma influência na aprendizagem do português. Por isso, podemos calcular que há mais de 97% dos respondentes que acham que o inglês pode ajudar a estudar o português, pelo menos em alguns aspetos. Portanto, para estudar melhor o português, não devemos abandonar o estudo do inglês, mas devemos fazer bom uso do inglês, como aproveitar o inglês ao máximo para aumentar a eficiência de estudar português, em vez de confundir as duas línguas ou abandonar uma delas, e isso também pode inspirar-nos no desenho de um currículo universitário.

6. Se achar que a aprendizagem do inglês tem influência positiva na aprendizagem do português, em que aspeto sente essa influência positiva?



(6)

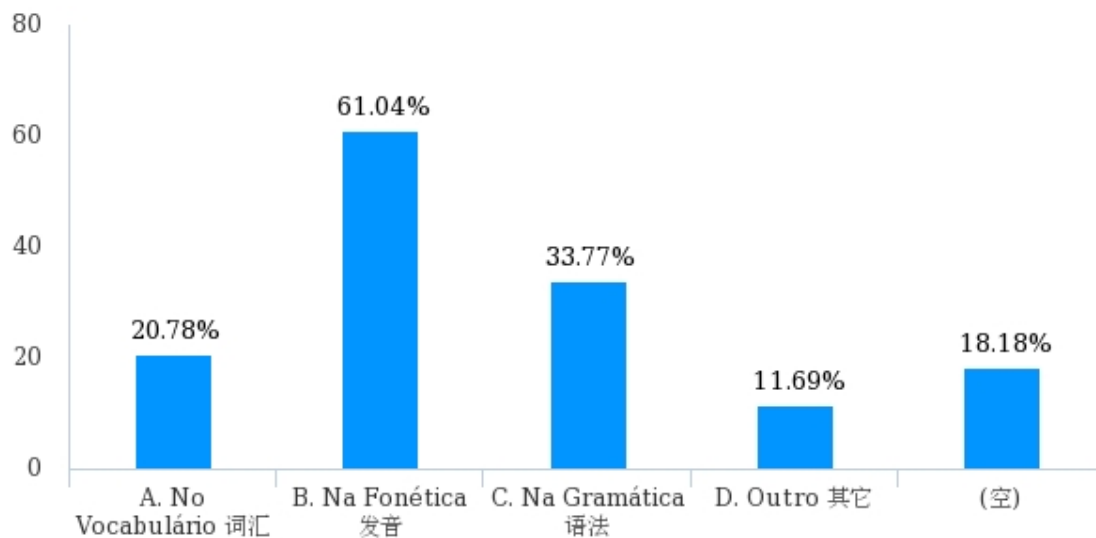
(O resultado de 1.3% significa que além de escolha das opções A-D, houve um respondente que não escolheu nada nesta pergunta)

Se somarmos os resultados respetivos das opções, o resultado final supera 100% porque a pergunta 6 permite aos respondentes escolherem várias opções ao mesmo tempo, porque é provável que alguns respondentes achem que o inglês os ajuda a estudar português em vários aspetos diferentes. Há mais de 90% dos respondentes que escolheram o vocabulário. A razão mais óbvia é que há muitas palavras portuguesas cuja ortografia é parecida com a do inglês, como já foi referido. E quando encontra palavras assim, mesmo que ainda não a tenha estudado em português, o aprendiz sabe sempre o significado dela, ou será muito mais fácil para o aprendiz memorizar essa palavra. O vocabulário é quase o primeiro aspeto e o mais exposto para os alunos quando estudam uma língua, e com base nesse aspeto, sente-se mais ou menos dificuldade no percurso de aprendizagem do vocabulário. Embora às vezes achemos que fazemos sempre confusão entre as palavras portuguesas e

inglesas, para a maioria, o vocabulário ajuda muito na aprendizagem do português. Portanto, isso lembra-nos que devemos enquadrar corretamente o vocabulário inglês na aprendizagem do português e é muito possível fazer bom uso de vocabulário inglês para ajudar a enriquecer o vocabulário português.

A segunda opção que ganhou mais escolhas é a opção C, segundo a qual, para quase 40% dos respondentes, a gramática do inglês também ajuda a estudar português, porventura porque há muitas regras gramaticais semelhantes em português e inglês, como vimos anteriormente. Por exemplo, quando os estudantes não compreendem alguma regra gramatical em português, podem referir-se ao inglês. Com os conhecimentos do inglês que já obtiveram e fixaram muito bem, é mais fácil para eles compreender agora o português. Por isso, estes dados mostram-nos que a gramática do inglês também é um elemento que vale a pena aproveitar. As outras opções não têm muita importância nesta pergunta. Há mais ou menos 20% dos respondentes que acham que a fonética inglesa tem influência positiva na fonética portuguesa e há menos de 20% dos respondentes que acham que o inglês tem outras influências boas. Vamos falar sobre as outras influências com mais pormenores na pergunta 14.

7. Se achar que a aprendizagem do inglês tem influência negativa na aprendizagem do português, em que aspeto sente essa influência negativa?



(7)

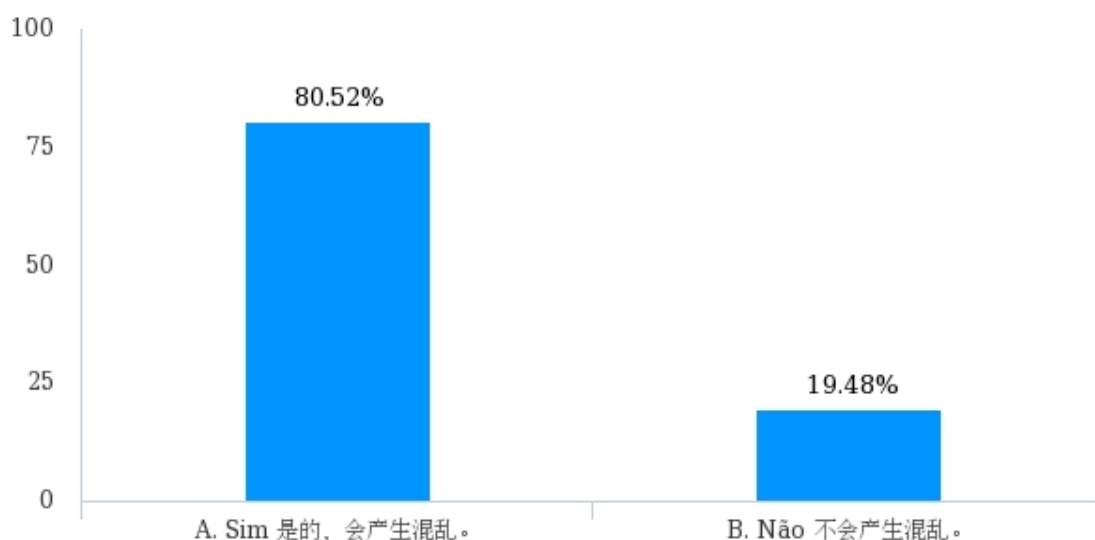
(O resultado de 18.18% significa que além de escolha das opções A-D, houve 14 respondentes que não escolheram nada nesta pergunta)

Visto que os respondentes selecionados para o presente questionário são estudantes universitários, os mesmos têm capacidade suficiente para reconhecer e identificar os problemas e dificuldades na sua aprendizagem. Nas suas opiniões, a fonética inglesa é o elemento que tem mais influência negativa na aprendizagem do português, ou seja, a fonética do português é o elemento mais afetado negativamente pelo inglês. Mais de 60% dos respondentes acham que a fonética inglesa tem influência negativa na aprendizagem da fonética portuguesa. Será provavelmente porque a fonética é um dos elementos mais básicos e confrontados pelos estudantes em português e também porque há várias grafias cujo grafema é igual em português e inglês, embora as suas pronúncias sejam diferentes em português e inglês, havendo portanto a possibilidade de confundir tais grafemas quando os usam. Portanto, se calhar, no ensino do português, além de fazer bom

uso do vocabulário inglês, também devemos evitar ou diminuir a confusão causada pela fonética inglesa. Na pergunta 10, discute-se mais claramente este problema.

Além da fonética, segundo os dados obtidos, a gramática também é um aspecto a que se deve dar mais atenção. Há mais de 30% dos respondentes que acham que a gramática inglesa interfere na aprendizagem da gramática portuguesa, talvez porque algumas regras são iguais ou semelhantes nas duas línguas e ao mesmo tempo há algumas regras que não são de uso geral. Por exemplo, a posição dos adjetivos, em português, língua em que os adjetivos aparecem em regra geral depois dos substantivos, ao contrário do inglês, em que os adjetivos aparecem por regra antes dos substantivos, casos de *“menina bonita”* e *“beautiful girl”*. Acho que isso é um problema ou uma fonte de confusão que acompanha sempre os estudantes chineses na aprendizagem do português, especialmente no período inicial. Ainda há alguns respondentes que escolheram o vocabulário, ou não responderam nada, mas estes só representam uma pequena parte.

8. Você fica habitualmente confuso/a quando se lembra ou usa palavras semelhantes em inglês e português? Por exemplo, *Brasil* e *Brazil*. Ou não sente confusão com palavras semelhantes?



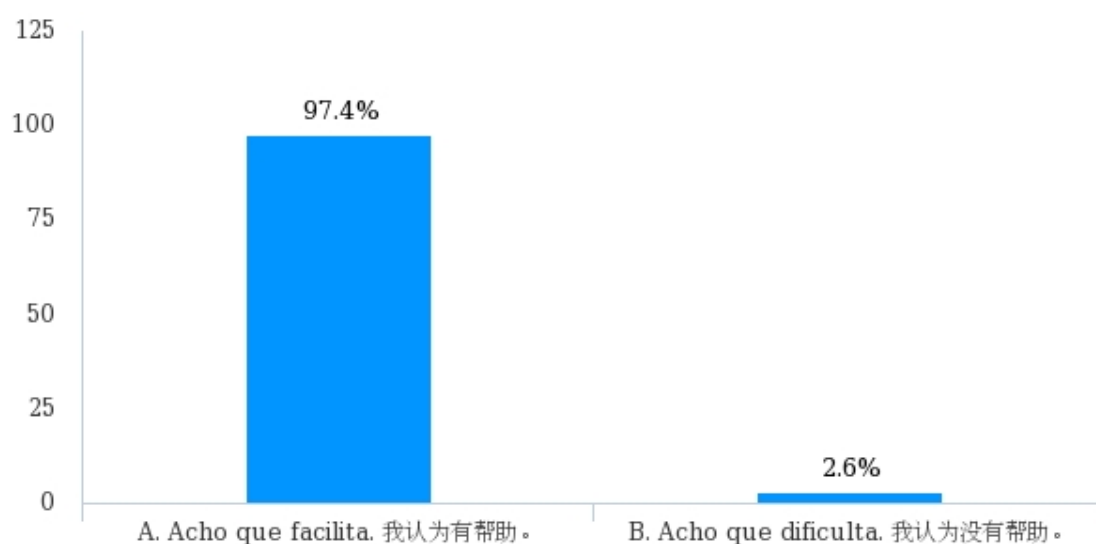
(8)

Começando com a pergunta 8, são 6 perguntas de controle que assentam respectivamente nos aspectos do vocabulário (palavras), da fonética (pronúncia) e da gramática, para investigar mais profunda e detalhadamente os três aspectos principais referidos no parágrafo anterior. As perguntas anteriores à pergunta 8 são sumativas, mas depois da investigação geral, seriam precisas pesquisas mais específicas em cada área.

Segundo o resultado apresentado no histograma anterior, há mais de 80% dos respondentes que sentem alguma confusão entre as palavras portuguesas e inglesas cuja ortografia é parecida. Um número tão grande merece especial atenção dos professores. Não devemos mais fechar os olhos para este problema, devemos examiná-lo diretamente. O que é muito interessante é que, na pergunta 6, há mais de 90% dos respondentes que sentem ajuda por parte do vocabulário inglês na aprendizagem do português. Isso significa que o vocabulário inglês ou as palavras

inglesas têm influência ao mesmo tempo positiva e negativa na aprendizagem do vocabulário do português e a influência positiva e a influência negativa podem ambas ser fortes. Deve-se dar mais atenção a fatores de natureza múltipla, como o vocabulário, porque eles podem ser de uma grande ajuda ou uma grande dificuldade ao mesmo tempo, e a sua influência verdadeira pode ser interpretada de forma diversa. Ou seja, se tomarmos medidas adequadas, é possível evitar a influência negativa e até fazer bom uso da mesma; mas se não tomarmos positivamente medidas ou se negligenciarmos este facto, a influência negativa do vocabulário nunca vai ser resolvida e vai ser para os estudantes uma grande dificuldade na aprendizagem do português. O que melhor devemos fazer é ensinar dicas específicas para tratar habilmente as relações complicadas entre os vocabulários inglês e português para aproveitar as vantagens do vocabulário inglês a ajudar a estudar o português e, simultaneamente, evitar as confusões causadas pelas palavras inglesas. Na realidade, numa sociedade moderna, dominar várias línguas é e vai ser cada vez mais uma tendência, e abandonar o inglês para estudar português não seria uma escolha inteligente.

9. Há palavras, como a palavra "chocolate", que são próximas em português e em inglês. Você acha que a proximidade das palavras em inglês e português facilita ou pelo contrário dificulta a aprendizagem das palavras em português?



(9)

Juntamente com a pergunta 6, a pergunta 9 confirma mais uma vez a influência positiva que o vocabulário inglês tem na aprendizagem do vocabulário português. Há mais de 97% dos respondentes que acham que o vocabulário ajuda a aumentar ou memorizar o vocabulário português. Além das palavras cuja ortografia é completamente igual em português e inglês como “*chocolate*” e “*envelope*”, as que têm ortografias muito parecidas nas duas línguas também podem ajudar, por exemplo, “*essência*” e “*essence*”, “*tomate*” e “*tomato*”, “*grupo*” e “*group*”. Com uma ortografia muito parecida, também é possível e mais fácil para os estudantes chineses conhecer ou memorizar as palavras. Na prática, isso reflete que, embora alguém só estude português há muito pouco tempo, mesmo assim consegue perceber um texto básico em português porque está a compreender ou perceber o texto com base no seu vocabulário inglês e isso às vezes ajuda realmente. E comparado com os dados da pergunta 8, podemos inferir ainda que há um montante

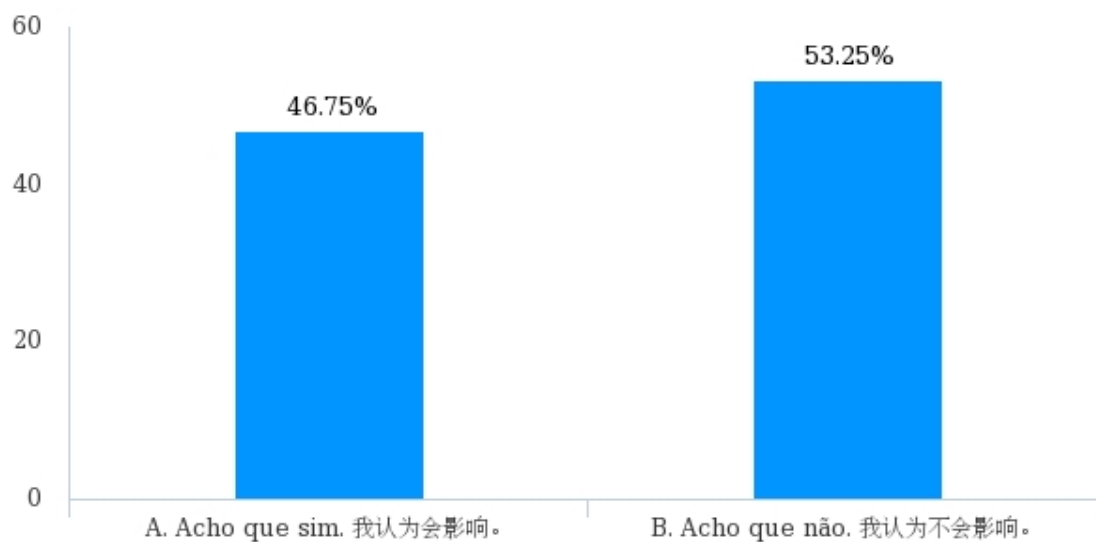
considerável de pessoas que sentem ao mesmo tempo a influência positiva e negativa do vocabulário inglês na aprendizagem do vocabulário português.

Assim, através das perguntas 8 e 9, podemos já concluir que a transferência lexical tem ao mesmo tempo influência positiva e influência negativa na aprendizagem do vocabulário português por estudantes chineses. Mas os níveis específicos em que os dois tipos de influência se situam são diferentes. Ou melhor, para os estudantes chineses de português, a interferência entre vocabulário português e inglês, ou a influência negativa do vocabulário inglês na aprendizagem do vocabulário português situa-se ao nível da escrita. Isso significa que quando os estudantes chineses escrevem em português, vão sentir essa interferência e isso será uma dificuldade para eles, porque confundem qual é a forma em português e qual é a forma em inglês; mas esse problema não aparece em outros aspetos ou níveis, por exemplo, quando os estudantes leem em português, não vão sentir essa confusão porque, na leitura, não precisam de distinguir as duas formas, só precisam de saber o significado da palavra. Ainda tomando como exemplo, *Brasil* e *Brazil*, os estudantes sentem confusão entre as duas formas quando precisam de escrever em português, e não têm a certeza sobre qual é a forma correta em português; contudo, quando leem em português e encontrarem a palavra, não vão sentir essa confusão porque, quer encontrem a palavra *Brasil*, quer encontrem a palavra *Brazil*, sabem o significado e não será preciso distinguir as duas formas na leitura.

Pelo contrário, a transferência positiva ou a ajuda que os estudantes chineses de português sentem do vocabulário inglês na aprendizagem do vocabulário português foca-se no aspeto da leitura em vez da escrita ou de outros aspetos. Por exemplo, assumindo que um estudante só estudasse a palavra “*tomato*” em inglês e não saiba nenhuma palavra portuguesa, quando ele encontra a palavra “*tomate*” em português, ainda assim consegue adivinhar ou inferir o significado desta palavra. A razão é a mesma em casos de transferência negativa (ou interferência), em que o requisito de escrita e leitura é diferente. Na escrita, os estudantes precisam de saber

a ortografia exata de cada palavra e distingui-las da forma inglesa; a leitura não tem requisito de conhecimento ortográfico, mas tem requisito de conhecimento semântico das palavras. Por isso, a influência negativa (interferência) do vocabulário inglês assenta no aspeto da escrita portuguesa e a influência positiva (transferência) foca-se no aspeto da leitura. Portanto, quando enfrentamos a influência positiva e negativa do vocabulário inglês, devemos tomar medidas diferentes e mais segmentadas nos aspetos da leitura e da escrita. Quando enfrentamos a influência positiva do vocabulário inglês na leitura de português, devemos pensar em maneiras de fazer bom uso dessa transferência e quando enfrentamos a influência negativa do vocabulário inglês na escrita de português, devemos pensar em maneiras de diminuir a interferência.

10. A pronúncia de algumas letras em inglês afeta negativamente a sua memória da pronúncia em português? Por exemplo, a pronúncia de H.



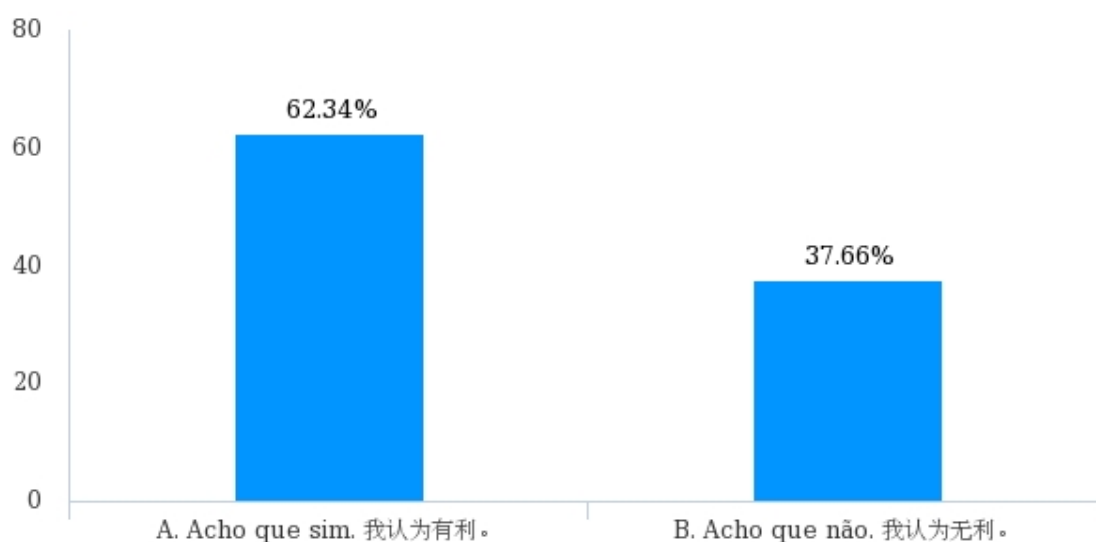
(10)

No ensino universitário do português na China, comparando com a gramática ou o vocabulário, a fonética ou pronúncia é um problema muitas vezes ignorado. Contudo, isso não significa que a fonética não seja importante ou que os estudantes chineses de português estejam a trabalhar bem na fonética. De facto, para um grande número de estudantes chineses, a fonética é um grande problema e os mesmos têm aqui muitas dificuldades, sendo normalmente muito difícil para os estudantes chineses estudar a fonética portuguesa adequadamente ou dominar o sotaque autêntico do português, porque, primeiro, a língua portuguesa é uma língua completamente diferente da língua materna deles, que é o mandarim. São dois sistemas linguísticos muito diferentes e têm respetivamente características fonéticas especiais. Assim, em português, existem fonemas que não existem em chinês (e vice-versa), como as vogais nasais fechadas ou as consoantes vibrantes (por exemplo, [r] e [R]), os quais, por definição, os estudantes nunca tiveram ocasião de aprender desde pequenos, ao contrário do sistema fonológico nativo. Em

consequência, a fonética torna-se mais difícil quando começam a aprender ao serem adultos. Os estudantes chineses só começam a aprender fonética portuguesa depois de entrar em universidades (normalmente têm mais de 18 anos), e sem contacto e exercícios suficientes com/de fonética portuguesa autêntica, não há muitos estudantes chineses que conseguem obter um bom sotaque, e uma articulação eficiente especialmente no caso dos fonemas que o chinês nativo não tem, como os citados.

Segundo o resultado da pergunta 10, há 46.75% dos respondentes que acham que a pronúncia inglesa tem influência negativa nas suas aprendizagens da pronúncia portuguesa, e há 53.25% dos respondentes que acham que a pronúncia inglesa não tem essa influência negativa. Os dois números são muito semelhantes, quase iguais. Para ser mais claros, podemos dizer que a metade dos respondentes acham que a pronúncia inglesa tem influência negativa e a outra metade acham que não. Por causa de dados deste tipo, não podemos inferir a preferência ou frequência da influência negativa da fonética inglesa ou decidir que a influência negativa da fonética inglesa é absoluta. O que podemos inferir é que é difícil que a influência negativa que a fonética inglesa tem na aprendizagem da fonética portuguesa seja universal ou representativa, sendo um problema neutro, sem tendência óbvia.

11. A pronúncia de algumas letras em inglês é útil para memorizar a pronúncia em português ? Por exemplo, a pronúncia de Z.



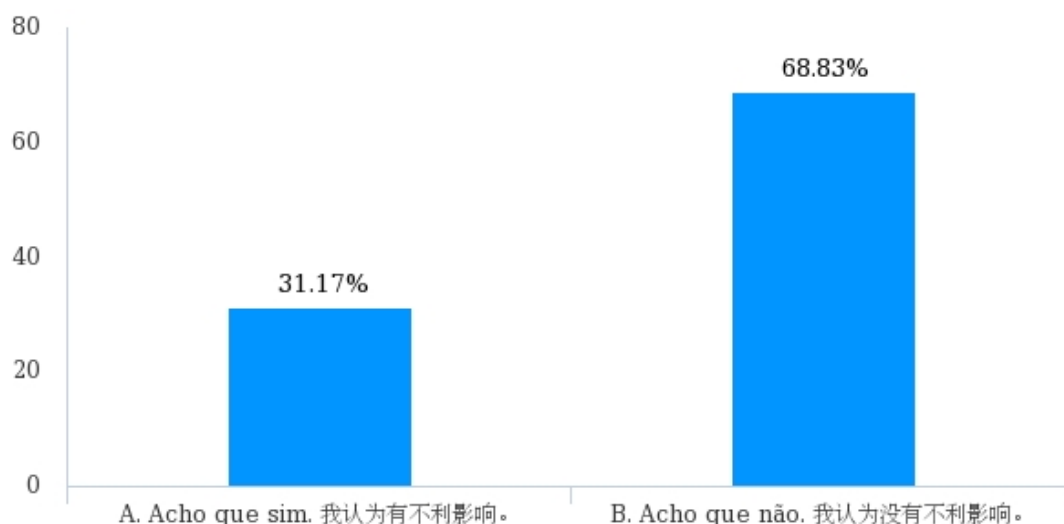
(11)

Diferente dos resultados da pergunta 10, os resultados da pergunta 11 são dois números bastante distanciados. Podemos ver que 62.34% dos respondentes confirmam a influência positiva que a pronúncia inglesa tem na aprendizagem da pronúncia portuguesa e há 37.66% dos respondentes que acham que a pronúncia inglesa não tem influência positiva. Numa palavra, a maioria dos respondentes acham que a pronúncia inglesa tem influência positiva. E comparando com o resultado da influência negativa, a influência positiva da pronúncia inglesa é uma tendência mais óbvia e mais forte. Ou seja, é difícil prever se um estudante vai sofrer da interferência da pronúncia inglesa porque a possibilidade é sempre por volta de 50%; mas é muito mais provável que um estudante possa aproveitar a influência positiva da pronúncia inglesa porque a influência positiva segue uma inclinação óbvia para a resposta positiva.

Ora, resumido e comparado as duas perguntas de controlo em cima, em geral, a influência da pronúncia inglesa tem uma tendência mais para positiva. Por isso, durante o percurso de aprendizagem do português, devemos ter uma atitude mais

positiva em relação à fonética inglesa e ao mesmo tempo ser cautelosos em relação à sua eventual influência negativa.

12. Você acha que a gramática do inglês afeta negativamente a sua memória e compreensão da gramática do português? Por exemplo, a ordem das palavras de algumas frases interrogativas?



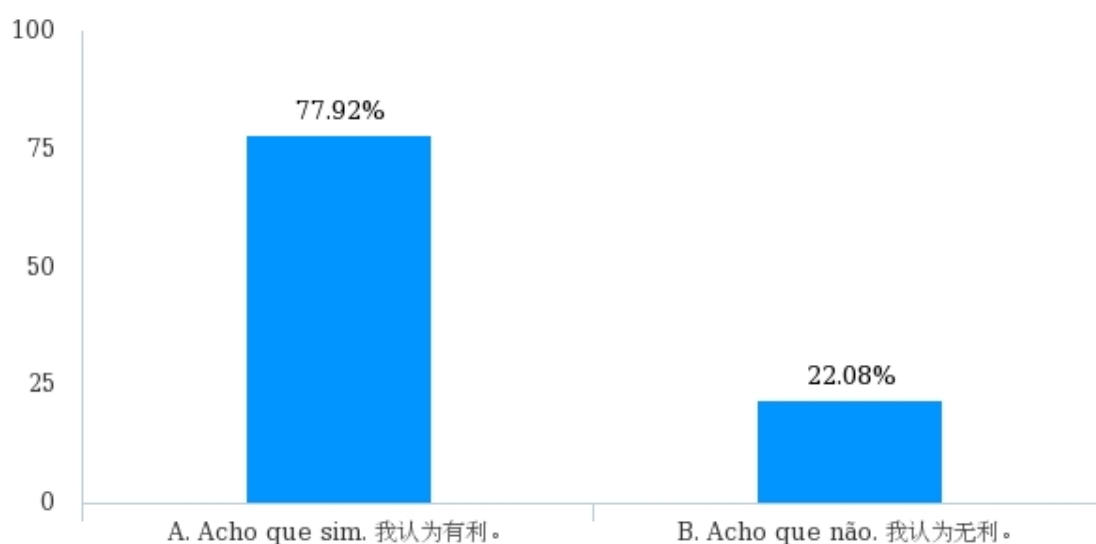
(12)

A gramática é o elemento mais valorizado no ensino universitário chinês de português, como de inglês. Normalmente a gramática é a primeira disciplina para os estudantes chineses de português e ocupa mais horas de aula, incluindo como se constroem as frases de tipos diferentes, as conjugações dos verbos e outros fenómenos linguísticos do português. E porque o português e o inglês têm regras gramáticas semelhantes, embora não bem iguais, antes de recolher os dados do questionário, previ que a maioria dos respondentes fossem escolher a opção A. Mas de facto, no fim, apenas 30% dos respondentes acham que a gramática inglesa interfere na aprendizagem, compreensão e memória da gramática portuguesa, e há quase 70% dos respondentes que acham que a gramática inglesa não tem essa influência negativa. Comparando os dois números, que representam uma grande diferença, podemos inferir que, embora a gramática inglesa tenha a possibilidade de ter influência negativa na gramática portuguesa, a tendência é fraca e não é preciso preocupação ou atenção extra. Mas, abordando a razão deste resultado final, vemos que as

regras gramáticas das duas línguas não aparentam ter, para um aprendente chinês, muitas diferenças. Mesmo que haja algumas diferenças, a maioria das regras é quase igual e a minoria, ou seja, aquelas que são diferentes, não causa grande dificuldade, porque só ocupa uma pequena parte da aprendizagem. Para ser mais detalhada, recordamos que, numa gramática, pode-se identificar partes principais: o léxico e a sintaxe. O escopo da pesquisa lexical inclui os mecanismos de composição e as regras de morfologia derivacional. O escopo da pesquisa sintática é a estrutura e os tipos de frases e orações. Entre os elementos da gramática, as conjugações dos verbos representam maiores diferenças entre as gramáticas portuguesa e inglesa, embora outras regras não apresentem muita diferença entre as duas línguas. E como todos sabemos, as conjugações portuguesas são completamente diferentes das do inglês, por isso, neste caso, os estudantes não as confundem.¹⁸ Por isso, o elemento que implica mais diferença entre as duas línguas paradoxalmente não produz confusão óbvia, e, portanto, não existe tendência forte para uma influência negativa da gramática inglesa na aprendizagem da gramática portuguesa.

¹⁸ Trata-se de um resultado bem conhecido em análise contrastiva: Brown (1980) refere, crucialmente, que a interferência é mais provável quando há semelhanças entre os itens a aprender e itens já conhecidos do que no caso de itens de aprendizagem inteiramente novos para o aprendente, caso das conjugações verbais.

13. Você acha que a gramática do inglês é útil para memorizar e compreender a gramática do português? Por exemplo, a ordem das palavras das de algumas frases declarativas?.



(13)

O resultado da pergunta 13 completa a pesquisa da influência da gramática inglesa. Para além do facto de a gramática inglesa não ter influência positiva muito óbvia na aprendizagem da gramática portuguesa para 20% dos inquiridos, há sobretudo 80% dos respondentes que acham, pelo contrário, que a gramática inglesa tem influência positiva na aprendizagem da gramática portuguesa. A razão é igual à da pergunta 13, ou seja, entre as gramáticas portuguesa e inglesa, as semelhanças ocupam o essencial e desempenham um papel maior, ao passo que as eventuais diferenças só ocupam uma pequena parte. Quando os estudantes chineses não compreendem ou não se lembram de alguma regra gramatical de português, podem sempre arriscar referir-se ao inglês. Por isso, para a maioria, a gramática inglesa é útil para ajudar a estudar em português. E juntamente com o resultado da pergunta 12, deve-se ter uma atitude positiva para com a gramática inglesa no percurso de aprendizagem do português. Aproveitar razoavelmente e tirar o máximo proveito da gramática inglesa na aprendizagem do português parece uma boa escolha.

14. Que tipo de influência você acha que a sua aprendizagem do inglês tem na aprendizagem do português? Pode responder em português, inglês ou chinês.

Esta pergunta não tem opções e exige que os respondentes preencham o espaço em branco de forma livre. Por isso, era facultativa, o que explica que apenas tenha recolhido 10 respostas no final. As respostas incluem influências como identidade cultural, “sentido da língua” e pontos que já referi nas perguntas anteriores, como vocabulário ou fonética. Deixo a seguir todas as respostas a esta pergunta, em chinês e português:

序号	提交答卷时间	答案文本
1	3月31日 00:31	文化认同
2	3月31日 02:59	英语对增加葡语词汇量有帮助。
4	3月31日 03:07	葡语英语切换时容易混乱
8	3月31日 05:11	英语中有一些表达与葡语相似，有助记忆。
14	3月31日 17:04	初期背诵葡语单词的时候 会收到原有的英语单词的影响/容易混淆
27	3月31日 19:39	积极影响语感 发音 口语
28	3月31日 19:41	脑袋里面想葡语的时候出现的全是英语；在沟通中会主动选择英语而不是葡语
29	3月31日 20:21	语感上有积极影响，但英语发音越来越差了
30	3月31日 20:25	没什么影响
31	3月31日 20:35	词根记忆；句型表达

Número de resposta	Data da entrega da resposta	Texto de resposta
1	3.31 00:31	Identidade cultural
2	3.31 02:59	O inglês ajuda a aumentar o volume do vocabulário português
4	3.31 03:07	A confusão ocorre facilmente ao alternar entre o inglês e o português

8	3.31 05:11	Algumas expressões em inglês são semelhantes ao português, o que ajuda a memória.
14	3.31 17:04	Ao memorizar as palavras portuguesas no estado inicial, será afetado pelas memórias originais das palavras inglesas / é fácil de as confundir.
27	3.31 19:39	Influência positiva: sentido da língua, pronúncias e língua falada.
28	3.31 19:41	Quando penso em português na minha cabeça, o inglês aparece sempre; vou escolher ativamente o inglês em vez do português na comunicação.
29	3.31 20:21	Tem uma influência positiva no sentido da língua, mas a pronúncia do inglês está a piorar.
30	3.31 20:25	Não há outras influências.
31	3.31 20:35	Memória das raízes das palavras; expressão de forma de sentença

(14)

É interessante que alguns dos respondentes enfatizem especialmente a confusão entre o vocabulário português e o vocabulário inglês nesta pergunta 14. Como foi um problema já bem discutido nas perguntas anteriores, alguns estudantes ainda mostram um grande interesse e necessidade de expressar as suas ideias e confusão de sentidos. Parece que têm emoção muito forte e sentido muito profundo sobre isto, e sofrem muito da interferência entre o vocabulário português e inglês. E consultando as suas respostas anteriores, todos os respondentes que sentem maior interferência são os que escolhem a opção A na primeira pergunta, que são os que

estudam português de nível mais baixo. Este fenómeno reflete mais uma vez a influência da duração da aprendizagem do português.

Além das respostas repetidas, há outras respostas novas e valorizadas. Por exemplo, identidade cultural e “sentido da língua”. Como já dissemos anteriormente, embora estejamos a falar de linguística aplicada, a cultura portuguesa é uma disciplina comum para os estudantes chineses de português e a mesma ajuda claramente os estudantes a estudar melhor a língua portuguesa. E como a cultura portuguesa e a cultura inglesa são ambas culturas ocidentais, bem diferentes da cultura chinesa, essa, cultura oriental, e têm ainda um núcleo comum de civilização cristã, para os estudantes chineses, o antecedente de estudar a cultura inglesa ajuda-os a compreender melhor e aceitar os valores e a cultura portuguesa, para além de os ajudar a estudar a língua portuguesa. E acerca do “sentido da língua”¹⁹, como a gramática do inglês contém, apesar de tudo, muitas semelhanças com a gramática portuguesa, se comparadas com a gramática chinesa, o sentido (ou a fluência) da língua inglesa, já bem estabelecido na mente dos estudantes chineses de inglês, pode ajudar a fortalecer o sentido da língua portuguesa e, às vezes, esse sentido da regularidade da língua e da sua gramática ainda pode ajudar diretamente a construir frases corretas em português. Portanto, também podemos tratar estes aspetos como sendo casos de transferência positiva da aprendizagem do inglês na aprendizagem do português.

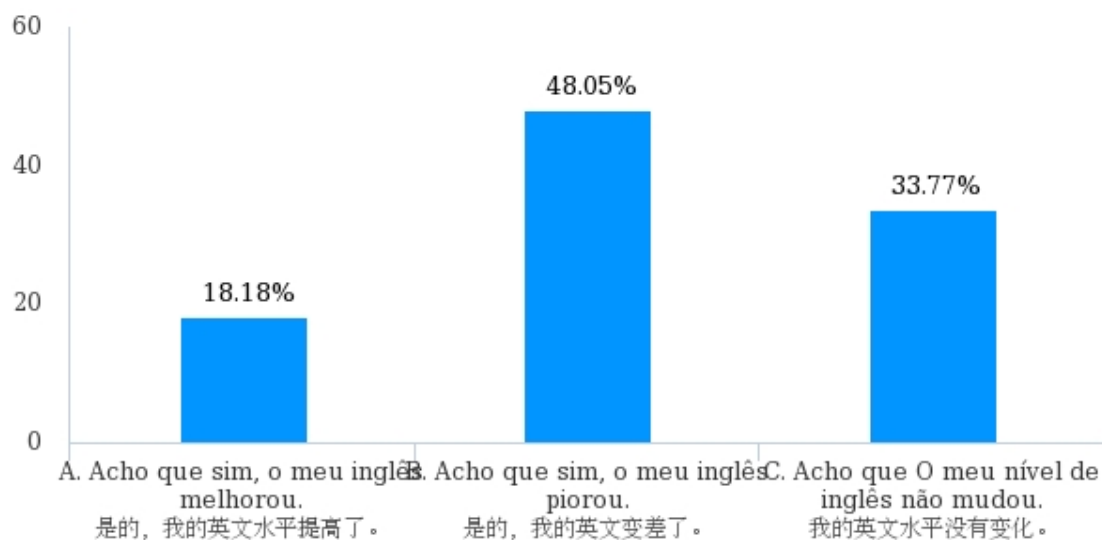
Entre todos, o comentário número 28 é o mais interessante e vale a pena dar-lhe atenção, porque representa um fenómeno muito comum na aprendizagem do português por estudantes chineses. Este comentário merece duas reflexões: a primeira é que, quando os estudantes pensam em português, o inglês aparece sempre. Este fenómeno acontece muitas vezes, especialmente no início da aprendizagem do português, porque os estudantes ainda não dominam bem o português e a memória do inglês é mais forte. E o mais importante é que, na realidade, os estudantes não

¹⁹ Esta expressão, usada por um dos respondentes, foi aqui conservada.

estavam a pensar em *português*, estavam a pensar em *língua estrangeira* nas suas cabeças. Para eles, *língua estrangeira* significa o português e o inglês ao mesmo tempo, por isso, quando acham que estão a pensar em português, os seus cérebros, na verdade, pesquisam línguas estrangeiras e, nesse processo, por estarem mais familiarizados com o inglês, pensarão sempre em inglês. Como este problema também está relacionado diretamente com o tempo de aprendizagem, aparece mais vezes aos estudantes que só estudam o português há pouco tempo. A segunda reflexão ao comentário 28 é que os estudantes escolhem ativamente o inglês em vez do português na comunicação. Esta ideia é fácil de explicar, porque a razão é a mesma: os estudantes dominam melhor o inglês do que o português, logo, preferem comunicar numa língua mais familiar.

Na verdade, para ser mais rigorosa, como a aprendizagem das línguas é um processo muito complexo e extenso, já para não falar do estudo de várias línguas em simultâneo, ainda seria possível haver outras influências positivas ou negativas do inglês na aprendizagem do português. As respostas ao meu questionário só mostram alguns casos, e porventura não incluem todos os casos.

15. Você acha que o seu nível de inglês mudou depois de ter começado a aprender português?



(15)

Na educação universitária, além das influências que o inglês tem na aprendizagem do português, também é necessário dar atenção à influência da reação do português, da sua retroação na aprendizagem do inglês. Na pergunta 15, menos de 20% dos respondentes acham que o seu nível de inglês melhorou depois de estudar português, mas quase 50% dos respondentes acham que o seu nível de inglês, pelo contrário, piorou depois de estudar português, havendo ainda um terço dos respondentes que acham que o nível de inglês não mudou. Resumindo os três dados, pode-se inferir de forma algo inesperada que, para a maioria, é expectável que a competência em inglês piore ao estudar português. Mas este resultado pode provir de várias causas, a influência negativa do português mas também a falta de estudo, etc. Independentemente da razão exata, a ideia de que o inglês piorou não é o que nós queremos ver nem aquilo a que se deve dar mais atenção.

16. Este questionário incidiu sobre a influência do inglês na aprendizagem do português.

O que deseja expressar mais sobre este tópico? Pode responder em português, inglês ou chinês.

Esta é também uma pergunta facultativa de resposta livre. Ninguém respondeu a esta pergunta, provavelmente porque as perguntas anteriores já eram muito abrangentes e os respondentes não pareciam precisar de dar mais opiniões.

2.3 Investigação interativa

Para deixar os respondentes responder às perguntas com honestidade e sem pressão psicológica, de forma a garantir a precisão do resultado final, o questionário foi preenchido anonimamente.

No entanto, para explorar a conexão causal e a lógica interna entre as respostas, selecionei dois respondentes, que estavam dispostos a divulgar as suas identidades para entrevistas pessoais. São eles a Flávia (Chen Si), que está a concluir o mestrado na Universidade de Aveiro, e a Joana (Wang Ruijuan), que está a fazer uma licenciatura na Universidade de Estudos Internacionais de Jilin. Com base nas perguntas existentes no questionário, combinadas com as suas escolhas, propus-lhes mais algumas perguntas direcionadas para tornar as respostas mais claras.

De acordo com os resultados destas entrevistas, em primeiro lugar, no aspeto do vocabulário, a entrevistada Flávia, que tem a experiência mais longa na aprendizagem do português (6 anos) e também o mais longo período em que deixou de aprender inglês (3 anos), sente menos confusão das palavras semelhantes em português e inglês e também não sente muita ajuda do inglês. Ou melhor, para a Flávia, a influência positiva ou negativa do vocabulário inglês na aprendizagem do vocabulário português já são ambas diminuídas. Quanto à Joana, que só estuda português há 3 anos e deixou de aprender inglês há 1 ano, a mesma ainda sente muita confusão e necessita muita ajuda do inglês ao mesmo tempo. Isso significa certamente que a memória e o domínio das palavras portuguesas e inglesas, o

esquecimento das palavras e a interferência entre as palavras das duas línguas são fatores determinados pela duração da aprendizagem do português e também pela distância em relação ao inglês. Ou seja, os que já estudam o português e deixaram de aprender inglês há muito tempo sentem menos interferência entre as palavras, logo, podemos concluir que o domínio do vocabulário é influenciado diretamente pelo tempo de estudo.

No aspeto da fonética, a Flávia acha que a interferência do inglês representa a maior parte, mas não é a influência do inglês que a preocupa, é antes a influência do português no inglês. E esta influência negativa está a aumentar ao longo do tempo e desde que começou a estudar o português. Com o desenvolvimento do seu português, o sentido do inglês está a piorar e tem mais e mais incertezas na pronúncia das palavras inglesas. Esta entrevistada não sente contudo muita influência do inglês no português na competência fonética, ao contrário da Joana, que tem opinião bem diferente. Esta não sente muita influência em português da fonética do inglês, mas acha que a interferência da fonética inglesa vai diminuir na fonética portuguesa com o desenvolvimento da aprendizagem e o passar do tempo.

A gramática também é um aspeto conectado diretamente com o tempo de estudo, assim como o vocabulário. A Flávia acha que, no caso da gramática, a influência positiva do inglês na aprendizagem do português ocupa a maior parte, mas só se verifica no início da aprendizagem do português, porque, posteriormente, já domina melhor o português e tem doravante conhecimentos bastante mais profundos de português, não sendo preciso mais referir-se ao inglês ou a ajuda da gramática inglesa. Contudo, a Joana, que ainda está num período inicial da aprendizagem do português, sente-se confusa entre as gramáticas portuguesa e inglesa, ainda não tem capacidade suficiente em português para resolver esse problema.

Segundo estas entrevistas individuais, pode-se inferir que a aprendizagem do português é um processo muitas vezes influenciado pelo tempo de estudo e cada estágio de estudo tem características diferentes. Isso significa que aprender português não é um trabalho de um dia, como se diz que Roma não foi construída num dia. Se quisermos aprender bem esta língua, é necessário dedicar-lhe tempo suficiente. E isso também exige que, para estudantes de

estágios diferentes, se deve adotar diferentes ideias e métodos de ensino e evitar medidas únicas.

Capítulo III. Resoluções possíveis

3.1 Resoluções para o ensino universitário e a didática das línguas

Na base dos dados reais recolhidos e da análise dos mesmos, apresentada no capítulo anterior, o mais importante é, neste terceiro capítulo, procurar ou criar resoluções para manter ou confirmar as transferências positivas do inglês e evitar ou diminuir os mecanismos de interferência do inglês na aprendizagem do português, mantendo-se fiel aos objetivos da linguística aplicada inicialmente expostos. E como o presente trabalho e o questionário anterior são ambos desenhados para os alunos universitários chineses estudantes de português, as resoluções apresentadas a seguir são orientadas especialmente para eles, para além de todos os estudantes de português.

Não deixo aqui resoluções ou sugestões para as primeiras três perguntas, pois as mesmas apenas dão indicações sobre questões como as durações de aprendizagem do português e do inglês pelos estudantes. Mas se tiver que deixar alguma sugestão, parece óbvio que se deve continuar a estudar as línguas e não as abandonar ou deixar facilmente, porque a aprendizagem de uma língua é sempre um processo contínuo, e uma duração demasiado curta nunca parece chegar para desenvolver competências linguísticas. Já para falar dos estudantes chineses, estes não têm habitualmente acesso ao ambiente da língua estrangeira e isso enfatiza a importância de se optar por uma aprendizagem contínua. Só assim, podem os estudantes manter ou aumentar a sua competência nas línguas estrangeiras.

A pergunta 4 mostra a situação mais comum do estado da aprendizagem do português e do inglês para os estudantes chineses universitários de português, que consiste em estudar ambas as línguas ao mesmo tempo. Vemos que, porque os estudantes sofrem da interferência entre as duas línguas, seria melhor não estudar o português e o inglês no mesmo período, especialmente no início da aprendizagem do português. Ou seja, nos primeiros meses ou o primeiro semestre da aprendizagem do português, não se deveria programar aulas de inglês

para os estudantes, porque, neste período, para os estudantes, a memória do inglês é muito forte e se estudarem uma língua próxima no mesmo período, é quase inevitável esses estudantes enfrentarem alguma confusão. Para diminuir a influência negativa do inglês, no início da aprendizagem deve-se criar um ambiente o mais puro possível para o português. E depois, quando os estudantes já tiverem conhecimentos e memória básicos de português, será então a altura de determinar aulas suficientes e regulares de inglês para eles. Assim, com base no português elementar, já poderão distinguir melhor as duas línguas e aproveitar as influências positivas do inglês, beneficiando das aulas contínuas de inglês. Descobri que, em muitas universidades, há dois erros nos currículos dos estudantes de português: o primeiro é marcar aulas obrigatórias e regulares de inglês para os estudantes que apenas começaram a estudar o português, e o segundo é para os estudantes do terceiro ou quarto anos, ou os que já passaram o exame de inglês: não se marca nenhuma aula de inglês ou as aulas de inglês são facultativas e a maioria dos estudantes não as frequentam mais. O primeiro erro leva às confusões esperadas no período mais crítico e o segundo erro leva a que o nível de inglês dos estudantes piora e será portanto difícil para eles aproveitar as influências positivas do inglês. Por isso, a 1ª resolução que proponho é simples: alterar o currículo, cancelar as aulas de inglês no primeiro semestre e depois marcar aulas obrigatórias, suficientes e contínuas de inglês até que os estudantes sejam graduados. Assim, os estudantes poderão ter um ambiente mais puro de língua portuguesa no início e continuar depois a estudar o inglês por mais tempo.

A quinta pergunta não aponta para uma resolução específica, mas revela a atitude geral que devemos tomar diante da relação entre a aprendizagem do inglês e a do português. Atitude negativa pura ou atitude positiva pura são indesejáveis porque a opção C contém mais respostas, o que significa que a relação tem ambos os efeitos. E entre a opção A e B, a opção A implica muito mais estudantes do que B, ou seja, dos dois efeitos, o efeito positivo é maior que o efeito negativo. Assim, o método objetivo é ser otimista em geral e ao mesmo tempo manter-se cauteloso quando enfrentamos as influências do inglês. Isso significa que o que importa mais não é o contacto (?) ou as interações entre as duas línguas, o que importa

mais é como se trata essa relação. Ou melhor, se se tomarem medidas adequadas, tal relação poderá ser usada por nós e poderemos controlar a direção da influência, para que seja mais positiva. Para ser mais detalhada, as perguntas seguintes revelam medidas específicas.

O resultado da sexta pergunta tem implicações muito fortes segundo as quais, para estudar melhor o português, o vocabulário do inglês é um elemento e uma ferramenta que se deve privilegiar, de forma a aumentar o volume de vocabulário de português na interlíngua dos estudantes. Para aproveitar melhor esta influência positiva, a 2ª medida que proponho é incentivar ou mesmo exigir aos estudantes que recitem palavras inglesas (mas junto com a 1ª resolução, a 2ª medida deve ser tomada depois do primeiro semestre, para evitar confusões). Talvez alguém queira propor um desafio: para aumentar o vocabulário do português, só é preciso fazer os estudantes recitar diretamente palavras portuguesas, não é necessário exigir recitar palavras inglesas. Mas o problema é que, ao enfrentar o português por um longo tempo ou apenas memorizar palavras em português por um longo tempo, os alunos vão sentir-se facilmente cansados e entediados. Portanto, para garantir o melhor efeito de aprendizagem, ao usar a ajuda do vocabulário comum inglês, os alunos podem desviar a atenção depois de memorizar o vocabulário em português e lembrar-se de algum vocabulário em inglês. Isso pode não apenas estender efetivamente o tempo de aprendizagem e evitar o cansaço na aprendizagem, mas também aumentar em paralelo o vocabulário cognitivo do português.

A sétima pergunta diz respeito principalmente ao problema de pronúncia, que torna os estudantes chineses mais desconfortáveis. Os exercícios que consistem em pronunciar palavras são diferentes dos que consistem em memorizar palavras ou entender frases. Mesmo que memorizar palavras muitas vezes leve muito tempo aos alunos, isso não os fará sentir tanta dor de cabeça e desamparo. Embora os problemas de pronúncia geralmente não ocupem grande quantidade de tempo dos alunos, eles afetarão os estudantes ao longo da sua carreira acadêmica. Para resolver os problemas de pronúncia ou de fonética, os leitores ou os professores portugueses têm uma palavra a dizer, porque só eles podem mostrar sotaque

e pronúncias mais corretos e autênticos. Quando os alunos ouvem pronúncias corretas mais vezes, pronunciam corretamente e é mais natural para eles próprios. Além disso, geralmente, os professores portugueses também têm capacidades suficientes em inglês, por isso eles conseguem não apenas apresentar pronúncias corretas, como também distinguir as diferenças fonéticas entre as duas línguas. Isso iria ser muito útil para os estudantes chineses. Portanto, a 3^a sugestão é contratar mais leitores portugueses nas universidades chinesas e deixa-los ser responsáveis por mais disciplinas. Segundo a minha observação e experiência, na educação universitária chinesa do português, os professores chineses ocupam muito maior percentagem do que os professores portugueses e são responsáveis por mais disciplinas relativas ao português. Mas só alguns deles têm sotaque autêntico de português e muitos outros têm sotaques estranhos e não autênticos. Se os estudantes começarem a aprender português com estes professores com mau sotaque, depois será muito difícil para eles corrigir as suas pronúncias. Portanto, para os estudantes terem um ambiente mais autêntico de português, é necessário contratar mais professores portugueses e é melhor estes professores serem responsáveis por mais disciplinas em vez dos professores chineses. Se os leitores puderem ser responsáveis por metade ou ainda mais das disciplinas, será ainda melhor.

As perguntas 8 e 9 ambas falam sobre o vocabulário, a sua influência negativa e positiva, respetivamente. Sobre a influência positiva do vocabulário inglês na aprendizagem do vocabulário português, não há muitos comentários especiais a fazer, porque os próprios estudantes sabem usar automaticamente essa influência positiva na leitura, e a primeira sugestão também é recitar mais palavras inglesas. Mas, além disso, também será muito útil os professores ensinarem algumas pequenas dicas aos estudantes, para que estes aproveitem melhor o vocabulário inglês na sua aprendizagem do português. Como todos sabem, há muitas palavras cuja raiz é igual em português e em inglês e só se alteram sufixos ou prefixos nas duas línguas. Por exemplo, entre os advérbios, o sufixo “*mente*” em português corresponde geralmente a “*ly*” em inglês (como “*continuamente*” e “*continuously*”); e entre os substantivos, o sufixo “*dade*” em português corresponde normalmente a “*ty*” em inglês (como “*identidade*” e “*identity*”) e o sufixo “*ção*” corresponde muitas vezes a “*tion*” em

inglês (como “*recomendação*” e “*recommendation*”). Observações como estas podem ser ensinadas nas aulas por professores, o que seria muito útil para o conhecimento das palavras e o aumento do vocabulário. De facto, na aprendizagem prática, muitas vezes o que importa mais ainda não é a duração do estudo, são as dicas que os professores dão aos estudantes. Quanto à influência negativa, ou às interferências entre o vocabulário inglês e o português, parece que temos muito por fazer. Para diminuir a confusão entre os vocabulários, além da 1ª resolução que deve ser tomada no primeiro semestre ou no início da aprendizagem do português, nas etapas seguintes também há muito para decidir. Por exemplo, os professores podem ajudar a coletar, organizar, arranjar e identificar as palavras que causam confusões nas aulas, ou resumir regras práticas dessas palavras para dar aos estudantes. É esta a 4ª medida. Até hoje, a maioria dos professores chineses de português não tomam nenhuma medida para lidar com este problema, apenas fazem com que os próprios alunos memorizem as palavras fora do horário escolar. Mas acredito que, com ajuda ou supervisão dos professores, o problema será mais fácil de resolver. Ou, mesmo que os professores não tenham tempo especial nas aulas para identificar tais palavras, pelos menos podem pedir aos estudantes para coletar e identificar as palavras por eles próprios e compartilhá-las uns com os outros em vez de deixar este problema em branco. Tomando um exemplo, um professor pode exigir que cada estudante colete 10 palavras cuja ortografia é parecida em português e inglês, e depois, na aula do dia seguinte, pede aos estudantes para compartilharem os seus trabalhos com os outros. Passo a passo, os estudantes vão dominar muito bem as palavras e a interferência inicial não vai mais ser um problema na sua interlíngua. De facto, a maioria dos estudantes não sabem fazer isso ou não têm a perseverança para o fazer constantemente, é necessária a supervisão dos professores.

Nas perguntas 10 e 11, no aspeto da fonética, não se vê muita significação nos resultados do questionário. De facto, sobre as influências negativas, o resultado das respostas positivas e negativas é quase igual, ou seja, como um incidente aleatório, sem uma tendência clara então aponta, portanto, para uma resolução ou medida específica. Se tiver que propor uma sugestão para diminuir o número de pessoas que se sentem confusas com algumas

pronúncias em português e inglês, a 1ª e a 3ª resolução já são suficientes para ajudar. Além disso, sobre a influência positiva que a pronúncia de algumas letras em inglês têm na aprendizagem e memória da pronúncia em português, também não são precisas resoluções específicas, porque o efeito dessa influência é que, quando os alunos veem algumas letras cuja pronúncia é igual em português e inglês como *M*, *N* e *Z*, eles podem aprender e lembrar-se delas sem aprendizagem ou memória deliberadas. Como para os estudantes aproveitar esse efeito positivo é um instinto ou ação automática no percurso da aprendizagem, não é necessário propor mais resolução ou medidas.

A seguir, os resultados das perguntas sobre as influências da gramática inglesa contêm uma tendência clara: a mesma ajuda ajuda os estudantes a aprender a gramática portuguesa. Para aproveitar essa influência positiva, não é preciso medidas específicas porque quando os estudantes precisarem, vão referir-se automaticamente às regras inglesas. E para expandir a influência positiva, para que seja usada melhor, além da 1ª sugestão de estudar constantemente o inglês, também se pode invocar a 4ª sugestão, ou seja, os professores podem ajudar a organizar, arranjar e depois comparar e explicar as gramáticas portuguesa e inglesa. Como os professores universitários chineses têm geralmente diplomas de doutoramento, ou pelo menos de mestrado, têm capacidades suficientes em inglês e estabelecer comparações entre as gramáticas das duas línguas não será difícil para eles. O processo contrastivo não é apenas mais uma oportunidade de memorizar as gramáticas, mas também ajuda os estudantes a distinguir as diferenças para diminuir os riscos de interferência, e o mais importante é que, depois de serem organizadas as gramáticas das duas línguas, os estudantes sabem quais são as regras inglesas que podem usar na aprendizagem do português. Por exemplo, quando precisam, mas não sabem como construir uma frase na sua interlíngua português/chinês, , podem referir-se com mais confiança ao inglês, em vez de adivinhar cegamente, se souberem que a regra é igual em inglês. Esta sugestão é para os professores também, porque não é viável depender só dos próprios alunos para se organizar as gramáticas, porque muitos estudantes não têm essa motivação e iniciativa. Às vezes, é indispensável a ajuda e o trabalho dos professores para implementar tais medidas. Os professores não devem

continuar a ignorar esse problema, mas devem concentrar-se no exercício e na explicação.

Por seu lado, embora haja algumas respostas novas, as respostas das perguntas 14 e 15 concentram-se principalmente também no vocabulário e na fonética inglesa, ou na aprendizagem do próprio inglês, por isso, também é adequado aplicar as sugestões referidas.

Além das medidas referidas e extraídas respetivamente das perguntas do questionário, para concretizar o objetivo final de resolver os casos de interferência entre as línguas portuguesa e inglesa, e estudar com proveito as duas línguas, também há vários métodos gerais adicionais. Por exemplo, as universidades podem ministrar e aplicar aulas trilingues (chinês, português e inglês) ou multilingues (português e inglês), conforme apropriado. Como já referi no texto, os professores universitários chineses têm geralmente capacidades avançadas de inglês, por isso, com preparações suficientes das aulas, acredito que as universidades ou os professores têm capacidade de dar aulas trilingues ou multilingues. A aula de audição em laboratório de línguas seria, talvez, uma boa escolha. Hoje em dia, na China, a maioria das aulas de audição é dada em chinês e português, ou seja, os professores reproduzem áudios de português para os estudantes e depois fazem os estudantes traduzir ou repetir o conteúdo em chinês; e outras universidades dão aulas de audição em só português, ou seja, os professores reproduzem áudios de português e fazem os estudantes repetir o conteúdo em português. Mas acho que se pode adicionar o papel do inglês, ou seja, os professores também reproduziriam áudios de português, mas fariam os estudantes traduzir ou repeti-los em inglês. Neste processo, os estudantes poderiam não só praticar a sua compreensão oral de português, mas também a oralidade do inglês, e o mais importante seria a capacidade de alternar frequentemente entre as duas línguas, com menos riscos de confusão. Ou ainda, os professores podem reproduzir áudios de inglês para aumentar a capacidade de compreensão oral de inglês dos estudantes e depois fazem-nos traduzir o conteúdo em português para praticar a língua portuguesa. A chave aqui seria praticar a conversão intencional entre as duas línguas. Este método iria causar um resultado melhor do que ouvir áudio em português e repetir também em português, porque uma aula de audição dura mais de duas horas e os estudantes chineses vão sentir-se cansados facilmente num ambiente só

português. Com mais uma língua, a aula iria ser mais desafiadora e interessante, e os estudantes também teriam oportunidades de desviar a atenção do cansaço do português. De facto, no início, muitos estudantes não querem fazer exercícios assim porque sabem que vão sofrer de confusões entre as duas línguas e têm medo de cometer erros. Mas este processo será muito útil para eles diminuírem as eventuais interferências e ajudá-los-á a alternar entre o português e o inglês livremente. E este processo doloroso não vai durar muito tempo, porque eles encontrarão a eficiência desse método em breve e melhorarão rapidamente a sua capacidade de conversão. Deve-se notar que, por causa da aparência do papel do inglês, esta medida também deve ser tomada após o período anterior da aprendizagem do português.

3.2 Sugestões para os estudantes chineses

Além das sugestões gerais para os professores, também há sugestões para os próprios estudantes, para eles usarem fora das aulas, nos tempos livres, porque apenas aprender nas aulas não é suficiente para aprender uma língua, são necessárias mais práticas extracurriculares. A primeira é ler livros bilingues de português e inglês ou livros que têm versão portuguesa e inglesa. Por exemplo, podem ler *Os Maias*. Na primeira vez, podem ler a versão original, que é o texto português; e depois, podem ler a versão inglesa. Ou, se não gostarem de ler livros, podem ver filmes bilingues. também é uma boa escolha. Por exemplo, podem ver filmes em inglês, mas legendados em português (ou vice-versa). Será uma oportunidade excelente para praticar a conversão das línguas.

Em suma, aprender uma língua é um processo que exige que os professores e os alunos trabalhem juntos, o que custa muito tempo e esforço. Mas, seja um professor de português ou um estudante de português, seja por herança cultural ou apenas para o seu próprio desenvolvimento, vale a pena dedicar às línguas muito esforço e paciência. Não importa que tipo de resoluções, sugestões ou medidas, não é uma panaceia, de uma vez por todas. Estas sugestões são apenas impulsionadoras, até certo ponto, para melhorar a eficiência e aumentar a diversão no processo da aprendizagem, e não podem substituir-se aos esforços dos próprios professores e alunos. Somente investindo sempre tempo e esforço suficientes, esses métodos

podem ser eficazes. Não importa, portanto, em que estado da aprendizagem, seja um aprendiz iniciante ou um professor sénior, devemos dar o nosso respeito e incentivá-los a escolherem este assunto e a investirem tempo e energia na sua disseminação e desenvolvimento.

Capítulo IV. Conclusão

4.1 Conclusões gerais

O presente trabalho de linguística aplicada concentra-se numa dificuldade real no processo da aprendizagem do português por estudantes chineses, que é o papel do inglês ou as interferências do inglês. Isso é um problema da área do bilinguismo que tem grande influência na eficiência da aquisição do português, mas é muitas vezes ignorado pela academia ou pelos professores no ensino prático. Contudo, clarificar as transferências e identificar quais são as influências positivas e quais são as influências negativas teria grande significado na linguística aplicada ao português e no ensino do português na China.

Através de um questionário com perguntas abrangentes e específicas, recolheram-se dados suficientes para fazer uma análise credível e pertinente. E ao analisar os dados, pode-se saber que os estudantes chineses de português têm um antecedente comum de estudar inglês e acham, muitas vezes, que a relação entre a aprendizagem das duas línguas é um problema prático por resolver. Em geral, o inglês tem influências positivas e negativas ao mesmo tempo na aprendizagem do português e as influências positivas ocupam uma maior proporção. Entretanto, no aspeto de vocabulário, ambas as influências positiva e negativa são óbvias porque as palavras do inglês podem ao mesmo tempo aumentar o vocabulário do português e causar confusões. No aspeto da fonética ou pronúncia, embora também haja influência positiva e negativa ao mesmo tempo, a influência positiva mostra claramente uma tendência mais forte. E no aspeto da gramática, os dois tipos de influência ocupam proporções quase iguais. Os resultados reais são um pouco diferentes das hipóteses iniciais, mas é assim que se manifesta a diversidade e a pertinência da investigação científica.

De acordo com os resultados da investigação apresentada, são propostas várias resoluções e sugestões que podem ser tomadas nas aulas pelos professores ou nos tempos livres pelos próprios estudantes. As sugestões são listadas de forma sintética a seguir:

1.cancelar as aulas de inglês no primeiro semestre e depois prever aulas obrigatórias, suficientes e contínuas de inglês, até que os estudantes sejam graduados.

2.exigir aos estudantes que recitem palavras inglesas.

3.contratar mais leitores portugueses nas universidades chinesas e deixa-los ser responsáveis por mais disciplinas de português.

4.os professores podem ajudar a coletar, organizar, arranjar e identificar as palavras que causam confusões nas aulas ou resumir dicas específicas e práticas dessas palavras para os estudantes.

5.os professores podem ajudar a organizar, arranjar e depois comparar e explicar as gramáticas portuguesa e inglesa.

6.prever aulas trilingues (chinês, português e inglês) ou multilingues (português e inglês).

7.ler livros bilingues de português e inglês ou livros que têm versão portuguesa e inglesa.

8. ver filmes bilingues , por exemplo, filmes em inglês legendados em português.

Estas sugestões são baseadas em dados práticos e problemas reais e possuem, pensamos, forte praticidade e usabilidade.

4.2 Limitações

Limitado pelo tamanho do questionário e das amostras, não é possível identificar todas as influências que o inglês tem na aprendizagem do português, mas as influências principais e mais importantes foram certamente apresentadas. E, por causa dos limites impostos ao tamanho desta dissertação e à profundidade da investigação, não foi possível verificar a eficiência das resoluções previstas, ou seja, estabelecer se as resoluções sugeridas serão realmente eficientes, ou até que ponto essas sugestões podem melhorar o problema e, além disso, estabelecer como é que as resoluções funcionariam e porque é que seriam eficientes ou inválidas. Sobre estes problemas ainda existem dúvidas óbvias.

4.3 Recomendações

Em investigações académicas nesta área no futuro, os problemas que não foram resolvidos no presente trabalho, como as limitações que referi no ponto 4.2, terão a possibilidade de ser resolvidas. E como se trata de uma área muitas vezes ignorada na linguística contrastiva aplicada ao inglês / português, vale a pena a mesma ser pesquisada e ser foco de maior atenção. E no estudo da influência do inglês na aprendizagem do português, ainda poderíamos referir estudos sobre a influência do francês, alemão ou espanhol na aprendizagem do português, para ter ideias e projeções mais amplas.

Todas as pesquisas e esforços visam permitir que o português seja difundido e desenvolvido de forma mais eficiente, e que os alunos adquiram melhores habilidades e níveis superiores de português, o que também corresponde aos objetivos principais da linguística aplicada. Para esse fim, não importa quanto tempo e esforço valha a pena.

Referências bibliográficas:

Brown, H. Douglas (1980) *Principles of Language Learning and Teaching*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Regents.

Casteleiro, J.M (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências*. Lisboa: Editor Verbo

Cobbyli & Zmwang (2011) 机器翻译的前世今生. 中国: 科大讯飞

Instituto Camões (2006) *Fonética e Fonologia: Que diferença?*
http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo3_1.html

James, C (1980) *Contrastive Analysis*. New York: Longman

Magro, M. C (2016) *Análise contrastiva e análise de erros – um estudo comparativo*. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais

Matras, Y (2013) *Language Contact*. Berlin: Hubert & Co .Gmbh & Co.KG, Gottingen

Menezes, L. J (2013) *Plurilinguismo, Multilinguismo e Bilinguismo: Reflexões sobre a Realidade Linguística Moçambicana*. Universidade Eduardo Mondlane Universidade Federal da Bahia. 28 Nov. 2013.

M. SWAN & B. SMITH (2001) *Learner English: A Teacher's Guide to Interference and Other Problems*. Cambridge: Cambridge University Press

Priberam Dicionário, <https://dicionario.priberam.org/bilinguismo>

Sampaio, T (2018) *Multilinguismo: sobre aquisição e aprendizagem de línguas*.
<https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2018/01/14/multilinguismo-sobre-aquisicao-e-aprendizagem-de-linguas/>

Selinker, L & Gass, S (1992) *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam: John Benjamins Publishing

Schütz, Ricardo. E (2019) *As Consoantes do Inglês e do Português*
<https://www.sk.com.br/sk-conso.html>

Tavares, A (2003), *Português XXI*, Lisboa, Lidel

Ye, X. L (2017) O português na China: alguns aspetos do seu ensino-aprendizagem e avaliação. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Zhang, M & Grosso, M. J. & Zhang, J (2018) Estudo sobre Erros Léxico-Semânticos no Processo de Aprendizagem da Língua Portuguesa por Aprendentes de Língua Materna Chinesa. Macau: Universidade de Macau.

Zhang, J (2018). Estudo da variação no uso do artigo em português L2 por falantes de língua materna chinesa. Minas Gerais: Federal University of Uberlândia.

Zheng, S. P (2010) O Ensino da Língua Portuguesa na China: Caracterização da Situação Actual e Propostas para o Futuro. Universidade do Minho

彭漪涟 (2004) 逻辑学大辞典. 上海：上海辞书出版社

侯民吉 (2011) 二语习得研究中的对比分析、 错误分析和中介语理论, 吉首大学学报第 32 卷第 3 期, 页 161

澳门理工学院葡语教学暨研究中心 (2018) 中国高等院校葡语教学的发展概况

胡裕树 (1962) 现代汉语. 上海: 上海教育出版社

章兼中&陈岑&姜丹 (2016) 国外外语教学法主要流派, 福建：福建教育出版社

常丽&高凤兰 (2015) 现代外语学习理论的哲学思考, 长春：东北师范大学 教育学部

束定芳&庄智象 (1996) 现代外语教学--理论、实践与方法. 上海市:上海外语教育出版社

Anexos

I. Questionário

As influências do inglês na aprendizagem do português por estudantes chineses

Este questionário anónimo contém 16 perguntas no total e levará

aproximadamente 5 minutos para ser concluído. Para garantir que esta pesquisa seja verdadeira e válida, responda com sinceridade.

本调查文卷共包含 16 个问题，大约需要 5 分钟完成。为保证本次调查真实有效，请务必如实回答。

1. Há quantos anos estuda português? 您已学习葡语多长时间? [单选题] *

☐ A. menos de 3 anos 少于 3 年

☐ B. 3-5 anos 3 至 5 年

☐ C. mais de 5 anos 大于 5 年

2. Há quantos anos estuda inglês? 您已学习英语多长时间? [单选题] *

☐ A. menos de 10 anos 少于 10 年

☐ B. 10-15 anos 10 至 15 年

☐ C. mais de 15 anos 大于 15 年

3. Desde quando deixou de estudar inglês? 您已有多久未进行英语学习? [单选题] *

☐ A. Ainda continuo a estudar inglês. 我仍在继续学习英语。

☐ B. Antes de 1-3 ano(s). 1-3 年没有学了。

☐ C. Antes de (mais de) 5 anos. 5 年(及以上)没有学了。

4. Tem alguma experiência em aprender inglês e português ao mesmo período? (Por exemplo, enquanto estuda português na faculdade, também tem aulas de inglês) 您有葡语和英语同期学习的经历吗? (比如，在大学期间学习葡语的同时也有英语课程) [单选题] *

☐ A. Sim, tenho. 是的，我有。

☐ B. Não tenho. 不，我没有

5. Acha subjetivamente que a aprendizagem do inglês tem alguma influência na aprendizagem do português? 您主观上认为英语的学习对葡语的学习有影响吗? [单选题] *

☐ A. Acho que tem influências positivas. 我认为有积极影响。

☐ B. Acho que tem influências negativas. 我认为有消极影响。

☐ C. Acho que tem influências positivas e negativas ao mesmo tempo. 我认为既有积极影响也有消极影响。

☐ D. Acho que não tem nenhuma influência. 我认为没有任何影响。(若选此项, 可不必回答第六及第七题)

6. Se achar que a aprendizagem do inglês tem influência positiva na aprendizagem do português, em que aspeto sente essa influência positiva? 如果您认为英语学习对葡语学习有积极影响, 该影响体现在哪些方面? [多选题]

☐ A. No Vocabulário 词汇

☐ B. Na Fonética 发音

☐ C. Na Gramática 语法

☐ D. Outro 其它

7. Se achar que a aprendizagem do inglês tem influência negativa na aprendizagem do português, em que aspeto sente essa influência negativa? 如果您认为英语学习对葡语学习有消极影响, 该影响体现在哪些方面? [多选题]

☐ A. No Vocabulário 词汇

☐ B. Na Fonética 发音

☐ C. Na Gramática 语法

☐ D. Outro 其它

8. Você fica habitualmente confuso/a quando se lembra ou usa palavras semelhantes em inglês e português? Por exemplo, Brasil e Brazil. Ou não sente confusão com palavras semelhantes? 您经常会在记忆或使用英语及葡语中相似的词汇时产生混乱吗? 例如, Brasil 和 Brazil。或者不会在使用拼写相似的词时产生混乱? [单选题] *

☐ A. Sim 是的, 会产生混乱。

☐ B. Não 不会产生混乱。

9. Há palavras, como a palavra "chocolate", que são próximas em português e em inglês é igual. Você acha que a proximidade das palavras em inglês e português facilita ou pelo contrário dificulta a aprendizagem das palavras em português ? 您认为英语词汇的记忆对葡语词汇的记忆有帮助吗？例如，chocolate 一词在英语及葡语中是一样的。 [单选题] *

☐ A. Acho que facilita. 我认为有帮助。

☐ B. Acho que dificulta. 我认为没有帮助。

10. A pronúncia de algumas letras em inglês afeta negativamente a sua memória da pronúncia em português? Por exemplo, a pronúncia de H. 某些字母在英语中的发音对您记忆其在葡语中的发音有不利影响吗？例如，字母 H 的发音。 [单选题] *

☐ A. Acho que sim. 我认为会影响。

☐ B. Acho que não. 我认为不会影响。

11. A pronúncia de algumas letras em inglês é útil para memorizar a pronúncia em português ? Por exemplo, a pronúncia de Z. 某些字母在英语中的发音有利于您记住它们在葡语中的发音吗？例如，字母 Z 的发音。 [单选题] *

☐ A. Acho que sim. 我认为有利。

☐ B. Acho que não. 我认为无利。

12. Você acha que a gramática do inglês afeta negativamente a sua memória e compreensão da gramática do português? Por exemplo, a ordem das palavras de algumas frases interrogativas. 您认为英语中的语法对您记忆和理解葡语语法有不利影响吗？例如，某些特殊疑问句的语序。 [单选题] *

☐ A. Acho que sim. 我认为有不利影响。

☐ B. Acho que não. 我认为没有不利影响。

13. Você acha que a gramática do inglês é útil para memorizar e compreender a gramática do português? Por exemplo, a ordem das palavras de algumas frases declarativas . 您认为英语中的语法有利于您对葡语语法的记忆和理解吗？例如，某些陈

述句的语序。 [单选题] *

☐ A. Acho que sim. 我认为有利。

☐ B. Acho que não. 我认为无利。

14. Que tipo de influência você acha que a sua aprendizagem do inglês ainda tem na aprendizagem do português? Pode responder em português, inglês ou chinês. 您认为您的英语学习对葡语学习还有哪些影响? 可用葡语、英语或中文作答。 [填空题]

15. Você acha que o seu nível de inglês mudou depois de ter começado a aprender português? 您认为学习葡语后您的英语水平有变化吗? [单选题] *

☐ A. Acho que sim, o meu inglês melhorou. 是的, 我的英文水平提高了。

☐ B. Acho que sim, o meu inglês piorou. 是的, 我的英文变差了。

☐ C. Acho que O meu nível de inglês não mudou. 我的英文水平没有变化。

16. Este questionário incidiu sobre a influência do inglês na aprendizagem do português. O que deseja expressar mais sobre este tópico? Pode responder em português, inglês ou chinês. 针对本课题您还有什么想要表达的观点? 可用葡语、英语或中文作答。 [填空题]

II. Transcrição da entrevista individual

Francisca (Ruolin Zhang, autora do presente trabalho): 第五题选的什么?

Flávia (Si Chen): 都有。

Francisca: 哪种更明显?

Flávia: 消极影响。

Francisca: 那你觉得随着时间变化, 这些影响有变化趋势吗?

Flávia: 都变得越来越明显了。

Francisca: 在哪方面积极影响最明显?

Flávia: 词汇。

Francisca: 消极影响呢?

Flávia: 发音。

Francisca: 关于第八题和第九题, 词汇方面的影响, 随着时间推移有变化吗?

Flávia: 现在感觉都没什么影响了。

Francisca: 关于第十题和第十一题, 发音方面的影响, 随着时间推移有变化吗?

Flávia: 消极影响占主要, 且日渐增加, 但是是葡语对英语的影响。葡语说久了压制英语语感, 对一些以前学过的单词发音都不确定了。

Francisca: 关于第十二题和第十三题, 语法方面, 两种影响有什么变化趋势吗?

Flávia: 初期阶段有积极影响, 时间久了就觉得没什么影响了。

Francisca: 你曾经有葡语和英语同期学习的经历吗?

Joana (Ruijuan Wang): 有。大学英语必修。

Francisca: 关于第八题和第九题, 词汇方面, 两种影响有变化趋势吗?

Joana: 两种影响都很明显。能明显感觉到英语词汇能扩大葡语词汇量, 但有时候也觉得分不清。

Francisca: 关于第十题和第十一题, 发音方面, 两种影响有什么变化趋势吗?

Joana: 英语发音对葡语发音的消极影响越来越弱了。

Francisca: 关于第十二题和第十三题, 语法方面, 两种影响有什么变化趋势吗?

Joana: 消极影响还是很大, 会弄混英语和葡语语法。

Francisca: O que escolheu na quinta pergunta?

Flávia: Ambos os dois tipos de influência.

Francisca: Qual é a mais óbvia?

Flávia: Influência negativa.

Francisca: Então, acha que essas tendências mudaram ao longo do tempo?

Flávia: Tornou-se cada vez mais óbvia.

Francisca: Em que campo é a influência positiva mais óbvia?

Flávia: Vocabulário.

Francisca: E a influência negativa?

Flávia: Pronúncia.

Francisca: Em relação à oitava e à nona perguntas, a influência do vocabulário mudou com o tempo?

Flávia: Já não parecem muito óbvias agora.

Francisca: Com relação à décima e décima primeira perguntas, a influência da pronúncia mudou ao longo do tempo?

Flávia: Influências negativas dominam e estão a aumentar dia a dia, mas é que o português influencia o inglês. Falo português por um longo tempo para suprimir o sentido do inglês e agora, às vezes não tenho certeza da pronúncia de algumas palavras inglesas aprendidas anteriormente.

Francisca: Em relação às perguntas 12 e 13, em termos gramaticais, há alguma tendência nos dois efeitos?

Flávia: Houve um impacto positivo nos estágios iniciais e, depois de muito tempo, senti que não havia impacto.

Francisca: Estudou português e inglês no mesmo período?

Joana: Sim. Inglês é uma disciplina obrigatória na minha universidade.

Francisca: Em relação à oitava e à nona questões, há alguma tendência nos dois tipos de influência do vocabulário inglês?

Joana: Ambos os dois tipos de influência são óbvios. Sinto claramente que o vocabulário em inglês pode expandir o vocabulário em português, mas às vezes

também sinto que tenho muita confusão.

Francisca: Em relação à décima e décima primeira perguntas, há alguma tendência nos dois tipos de influência da pronúncia inglesa?

Joana: A influência negativa está a ficar mais fraca.

Francisca: Em relação às perguntas 12 e 13, em termos gramaticais, há alguma tendência nos dois tipos de influência?

Joana: A influência negativa ainda é grande e confundo a gramática inglesa e portuguesa.